

OUTUBRO

Out. 1916

129



Revista
Feminina

Risonha como a esperança.
Linda rosa entre rosas.
Esta formosa criança
É todo o enlevo dos pais.

13

17

Manufatura de Roupas

Para

Senhoras e crianças

== Jorge Bassila ==

— Rua Florencio de Abreu, 62 —

Caixa Postal. 706 — Telephone. 3284

== São Paulo ==



AVISO UTIL

A's Exmas. familias da Capital e Interior

Para suas compras de moveis não deixem de visitar a casa "AO GRANDE ORIENTE", com officina propria de marcenaria e tornearia, bonitas mobílias de sala de jantar e de visitas, guarnições para quartos, enfim, um chic sortimento que não tem competencia: tapetes, oleados e miudezas.

Rua Floriano Peixoto, 3, (canto do largo da Sé)

Telephone N. 1382

Tapeceiro, Estufador e Armador

JOSE' GHILARDI

Sanefas — Cortinas

CORTINAS TRANSPARENTES, MOBILIA
ESTUFADA, ESTRADO A MOLLA,
CAPAS PARA MOBILIA, ETC. ETC.
PREÇOS SEM COMPETENCIA

— Rua Barão de Itapetininga N. 71 —

Telephone N. 2191 — S. PAULO

Automoveis FIAT

MAGNUM LIMOUSINE 35.45 HP.

O interior d'esta carruagem é um elegante e comodo salãozinho, onde seis pessoas perfeitamente acomodadas podem prolongar o encanto de seu "home" e continuar a reunião sem mesmo necessitarem levantar a voz, tão silencioso é o automovel. Como pedras preciosas no seu guarda-joias, as senhoras elegantes despertam a admiração do publico a travéz do qual desfilam, rapidas como aparições celestiaes.

Automoveis FIAT

de todos os typos para PASSEIO,
TOURISMO, etc.

AGENTES GERAES:

Comp. Mechanica e Importadora
de São Paulo

S. PAULO, Rua 15 de Novembro, 36 Telephone, 244
Caixa do Correio, 51-End. Telegraphico: Mechanica

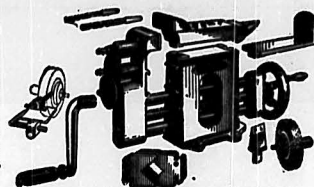


MARMORARIA TOMAGNINI

Tumulos, Estatuas, Altares, Esculturas, Architecturas
e Ornamentações. — Preços sem competencia.

PIETRASANTA (Perto de Carrara) ITALIA

Exposição Permanente: Rua Barão de Itapetininga, 40
Officinas e Escriptorio: Rua Paula Souza, 85 - S. Paulo



Machina-Ferramenta-Manual

"STEWART"

De utilidade na officina, em casa, na fazenda
ou na garage

ESTA ENGENHOSA COMBINAÇÃO DE DIVER-
SAS FERRAMENTAS EM UM ASO COMPÕE-SE-DE:

Um forte e possante torno de banco que abre até 4 1/2 poll.
Torno de tubos até 1 1/2 poll. de diametro.
Barbaquim de prensa, operando com duas velocidades.
Bigorna — Talhadoura
Roda amoladora, Carborundum, de 5 para 1 poll.
Proporção de velocidade: Directa, 4 para 1 e 10 para 1.
Toda a machina e seus ferrões são construidos com ma-
terial de primeira ordem, tendo milhares de utilidades.
E' a Machina-Ferramenta-Manual "IDEAL". — Peso onen-
xotado: 45 Kilos.

PEÇAM CATALOGOS, PREÇOS E MAIS INFORMAÇÕES A

E. H. KRISCHKE

S. Paulo - Rua Boa Vista, 20 - Caixa, 900

Aos srs. Fazendeiros

KRESO-DIP

é o melhor dos CARRAPATICIDAS existentes e que maiores re-
sultados tem dado na America do Sul, principalmente na Argenti-
na, onde é bem conhecido e multissimo empregado. E' produ-
cto norte-americano e importado pela primeira vez para o Bra-
sil pela firma.

P. Lopes & Comp.

Rua da Quitanda N. 16-A Sobr.

== SÃO PAULO ==

PEÇAM PROSPECTOS CITANDO ESTA REVISTA

CASA ESPECIAL

DE

BORDADOS A MACHINA

Passamanarias. Ponto a jour, Botões e Plis-
sés de diversos feitios, novos modelos pa-
ra saias chegados agora.

Vende-se Moldes da ultima moda, tudo
por preços reduzidos á

Rua Consero. Chrispiniano, 29

Gravidina

Approvada e licenciada pela
junta da hygiene

A'S MULHERES

A Senhora está grávida? -- Use a Gravidina.
A Gravidina evita as complicações da gravidez.
A Senhora sofre de utero? -- Use a Gravidina.
A Gravidina -- cura muitas molestias de utero.
A Gravidina -- evita os vomitos da gravidez.
A Gravidina -- evita as inchações.
A Gravidina -- evita as hemorragias.
A Gravidina -- alivia a dor do Parto.
A Gravidina -- facilita o Parto.
A Gravidina -- tonifica a mulher e a creança.
A Gravidina -- cura as flores brancas.
A Gravidina -- regulariza a menstruação.
A Gravidina -- evita os tumores do utero.
A Gravidina -- é a salvação das mulheres.
A Gravidina -- mesmo á mulher grávida e sã é util.
A Gravidina -- não contem substancias prejudi-
ciaes á mulher e á creança.

A Gravidina -- não é panacéa.

A Gravidina -- deve a sua acção benefica e cura-
tiva na gravidez, no Parto e nas
molestias do utero, á feliz com-
binação de substancias vegeto-
mineraes que entram na sua com-
posição.

A Gravidina -- é formula e preparado do dis-
tincto medico parteiro, Dr. Al-
fredo Zuquim, com 25 annos de
Clinica de Partos.

A Gravidina -- é o melhor remedio para senho-
ras. Previne e evita os accidentes
e complicações da gravidez. Pre-
para o parto facil e rapido, sem
dor e sem os soffrimentos dos
partos laboriosos. E' um excel-
lente auxiliar da lactação que ex-
cita e estimula a funcção da glan-
dula mamária.

Preço: vidro 3\$000

A' venda em todas as pharmacias

DEPOSITARIOS:

LAVES & RIBEIRO

N. 112 Rua Libero Badaró N. 112

SÃO PAULO

As Formigas Sauvas

Depois de conhecida

Machina "Luiz da Silva" esta machina, como já a conhecem centenas de lavradores que sabem dos seus infalliveis efeitos contra a existencia das daminhas formigas, não haverá mais motivo de queixa dos prejuizos causados por tão terrivel praga.

Não são mais necessarios reclamos para tornar conhecida as vantagens da machina "Luiz da Silva", bastam os testemunhos de centenas de lavradores que se consideram felizes em possuir a referida machina, e a fama justa que attestam os milhares de testemunhos que presenciaram os maravilhosos efeitos e a economia que se verifica com a applicação da machina "LUIZ DA SILVA" e do ingrediente "BIFALO".

Peçam informações á Sociedade Paulista de Agricultura — Rua Libero Badaró, 125 — S. Paulo.

Carrapatos. Contra a terrivel praga dos carrapatos tambem se encontra com a mesma Sociedade o infallivel carrapaticida marca "TOURO".

E' sem duvida o melhor preparado, o mais effizaz e o mais economico. Peçam informações a respeito.

Diarrheia dos Bezerros. Contra a diarrheia dos bezerros é "CYMAROL" o remedio infallivel. Encontra-se com o depositario Luiz da Silva, R. Libero Badaró, 125, S. Paulo.

Feridas dos Animais. Para curar quaisquer feridas de gado cavallo, bovino etc., emprega-se "BICKMORINE". Dirigir pedidos ao sr. Luiz da Silva, R. Libero Badaró, 125, S. Paulo.

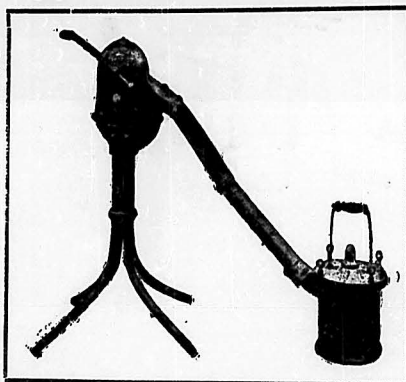
La Hacienda. A melhor e mais elegante revista que se publica no mundo sobre todos os ramos da Agricultura. Obtem-se a sua assinatura de um anno por 3 dollars e 60 centesimos e por 5 annos por 18 dollars, com direito a um elegante e finissimo relógio auliso dourado.

Assinaturas e todas as informações com o agente geral Luiz da Silva, Rua Libero Badaró, 125, S. Paulo.

Fazenda Moderna. A unica e mais completa obra nacional a cores, sobre a criação de gado, e um grande volume encadernado, escripta pelo conhecido e illustrado Dr. Eduardo Collim.

No Estado de S. Paulo encontra-se na Sociedade Paulista de Agricultura, com o depositario Luiz da Silva. Remette-se com porte pago por 21\$500

PEÇAM NOSSO CATALOGO ILLUSTRADO — REMETTEMOS GRATIS, CITANDO O NOME DESTA REVISTA



FERREIRA & C.

Malas, Capas de Borracha
e Artigos para viagem

Couros, arreios e Ferragens
proprias para montaria

Costume de solas e pellegos

Casa Matriz: R.S. Bento, 5 - Caixa, 925

Telephone, 2127 — SÃO PAULO

Casa Filial em SOROCABA

PROCURE O Café Guarany

o maior e o mais
luxuoso de S. PAULO

Todos os seus artigos, café, leite
e chocolate, assucar, chá, etc.,
são de primeira qualidade.

PARA CEIAS: Bifes, ovos, conservas,
etc. — Vasto e elegante salão de
bilhares no 1.º andar

B. CARRERA
Rua 15 de Novembro, 54
S. PAULO



Madame
A. BAUDON
Collêteira
Especialidade em cintas
e collêtes para Senhoras
e soutien gorges
Rua Barão de Itapetininga 57
S. PAULO

Pensão VITALIS

A mais confortavel, a mais hy-
gienica e mais bem situada em
SÃO PAULO

Acaba de passar por uma grande e
radical transformação.

A direcção está entregue agora á
reconhecida competencia da Ex.^{ma}
Sr.^a D. Carolina de Souza Dantas
Forbes.

A «PENSÃO VITALIS» está si-
tuada no aprazivel bairro de **San-
ta Cecilia** a 5 minutos do centro
da cidade, na Rua Martinico Pra-
do, 8 (antiga Vitalis)

Tem um bellissimo parque com
muitos e variados jogos para cri-
anças. Os quartos são conforta-
veis e arejados. O Salão de jan-
tar esplendido e as refeições são
servidas em pequenas mesas. O
trato é esmerado e caprichoso. O
chá pode ser servido no parque
onde para esse fim se encontram
elegantes mesinhas distribuidas
embaixo de frondosas arvores.

As pessoas e familias do interior
que tenham necessidade de vir a
S. Paulo devem dar preferencia a
«PENSÃO VITALIS» pois é onde
encontram maior conforto e me-
lhor trato. Os preços são muito
modicos e as crianças gosam de
preços especiaes.

— Aceita pensionistas internos e externos —

Todos os hospedes desta pen-
são tem direito á redução de 20 %
no estabelecimento de banhos e
duchas escosezas do Dr. Jaguari-
be, e que funciona annexo á Pen-
são Vitalis.

Por carta dão-se outras infor-
mações a quem solicitar.

MAPPIN STORES
SOCIETATE ANONIMA IARLEN

Novos Tecidos para o verão

- Queira -
pedir
amostras



Não faz mal Tofo,
mamãe não zanga
e' tecido "TOBRALCO"

Novo tecido lavável
TOBRALCO
FABRICADO NA INGLATERRA

Telephone
45
Caixa 1391

ACABAMOS DE RECEBER UM MAGNIFICO STOCK DE TECIDOS LEVES PARA O VERÃO EM ETAMINE, CAMBRAIA, PIQUÊ ETC. NOS ULTIMOS DESENHOS E CORES. CHAMAMOS A ATENÇÃO DE NOSSA DISTINCTA CLIENTELLA PARA O TECIDO "TOBRALCO," QUE É SEM RIVAL PARA VESTIDOS DE CRIANÇA. VEM EM BRANCO, CORES LISAS E POMPADOUR. Larg. 70 cen. metro 2\$200

Mappin Stores Rua 15 de Novembro N. 26
SÃO PAULO

ANNO III

SÃO PAULO, OUTUBRO DE 1916

NUM. 29

PROPRIEDADE
DA EMPRESA
FEMININA
BRASILERA

Revista Feminina

DIRECTORA:
VIRGILINA DE
SOUZA SALLES
REDACÇÃO:
ALAMEDA GLEITE, 87.

Preço para venda avulsa:
600 réis

ASSIG. ANNUAL PARA TODO O
BRASIL 7\$000
TELEPHONE No. 5024

OUTUBRO

As tardes longas de outubro, que convidam à meditação dos terraços, entre a hora em que o sol se esconde, numa agonia flammante de brilho, e a hora em que as primeiras tristezas do crepusculo se coagulam no ar, têm uma vida enlanguescedora de aromas mornos, que sobem dos jardins, como as essências que se evaporam das caçulas orientaes o que saturam o espaço de venenos subtile, que quebram, amolentam e entorpecem, de um torpor delicioso de narcotico suave, as fibras das feminilidades sonhadoras, fechando-lhes os olhos da alma, com as mãos leves de uma cantiga abemolada e de um balouço rhythmico de rede.

Qual de vós, minhas leitoras, não tereis adormecido de olhos abertos, entre as rosas que sobem pelo balaustre de um terraço e os pingos escaletas das ipoméas, que se debruçam dos lambrequins, tendo ao alto, como docel de seu sonho, a talagarda azul do céu, onde se abrem as primeiras estrelas e, aos pés, a vida, de palpações suaves e de anhelos intraduzíveis, de um jardim, que à luz baça do crepusculo, confia os segredos de seu seio virginal, aos ouvidos do zephyro, que de leve lhes passa ao alcance dos labios?

E assim, de olhos fechados e almas abertas, na hora indecisa e intermedia, que tem do dia o último reflexo e da noite a primeira cinza incerta, pela bocca dos perfumes, uma a uma, vão passando deante de nós, apagadas e esbatidas, como figuras antigas esculpidas sobre uma caixa aromal de sandalo, — imagens que nos foram caras, episodios que nos deram da vida, a illusão da immaterialidade, que logo se desfaz...

Uma a uma... O perfume tem a alma que lhe empresta o corpo de onde se elle evolva. A um evoca Emilia, a outro, Leandro, evoca. Mas ha alguma coisa que, de cada um, se aggrega a cada perfume, que lhe dá individualidade, que o veste de um corpo, de uma feição, de uns olhos que choram ou de uns labios que riem!

Mulier recte olet, ubi nihil olet..., os versos de Plauto, que eu me consolo a ler neste recanto de Goyaz, onde vim buscar silencio e sombra para o agazalho da minha vividez e para o culto de minha saudade — tem mais de belleza do que de verdade. Nihil olet... O que é então essa essencia capotosa e inconfundivel, que á abstração de cada perfume empresta uma alma nova, que acorda em nosso espirito, como a floritura de um violino no lago sereno de uma homophonia — uma imagem para cada perfume, e lhe imita os gestos e lhe copia o andar e lhe move os labios para um beijo ou lhe torce os braços, na tortura vasia de um passado que se diluiu num soluço?

E' ella a carmã do perfume, é o que de cada um passa, como um so pro de vida, para as essencias mortas, que a manufactura indifferente divide em frascos de crystal lavrado. Els porque a vida das essencias se mede pela vida das gerações. A moda, voluvel e caprichosa, muda-lhes os rotulos, muda-lhes os frascos, mas só lhes muda os rotulos, só lhes troca os frascos, para as novas gerações que surgem. Os que envelhecem, envelhecem com seu perfume... Havia hontem o Skine, o Peau d' Espagne, o Jicky, o Bouton d' or e tantos outros — porque esquecel-o? — o Ceryopsis do Japão. Lembra-se? Um frasco de madeira branca, de pescoço esguio, como o de um cysne decapitado. As negrinhas nem bem os viam, saltavam-nos á roda a pedir que se lhes desse o estojo quando o perfume se exgottasse! Quanta carta apaixonada, quanta frase, tremuia e hesitante como uma lagrima que se retem numa gottia de orvalho, sobre aancia de uma flor inclinada para o abismo — acompanharam aquellas essencias! Quantos dramas assistiram ellas, quantos enlances apaixonados, quantos delirios de ciúme, em quanta cambria fina foram ellas torturadas por mãos febris!

Fleurs d' amour, Rose d' Orsay, Enygnia, Bois sacré, Cyclamen... Velu Cotty delirante de rastacuerismo, com os seus perfumes berradores, de chrysandalia á lapella e gravatas de chamalote encarnado... em frascos oblongos, ovaes, polyedricos, cordiformes, de torpado metallico, em heptacordicos formados de estames e de pestillos... Para esses novos perfumes, houve novos habitantes, hou-

ve novas almas, houve novos palacios e novos modos de amar. Mas para os outros, para os que já vão passando, é no Jicky, no Espagne, no Bouton d' Or, que residem, empoadadas de bruma, como nobres figuras de minuetes, com as toilettes do seu tempo, com as frases da sua epoca, os pedaços de passado que se immortalisaram numa pagina aromal. E assim, os rotulos vão acompanhando as gerações... para as mesmas torturas, para as mesmas ancias!

A essencia porem, que vem dos jardins, nas tardes mornas de outubro, em plena eclosão das flores, é asexual e impessoal. Não se lhe distinguem nem feições, nem historia. Colhe-nos na carmã de um balsamo, que é, todo elle, homogeneo e igual, para isolar as feridas da alma, do frio acuchilhante da indifferença alheia. E' carinhosa como uma canção materna, em que todas as flores da alma dão de seu melhor perfume para adormecer a creação eterna, com um conto de fadas e o compasso igual da mesma fantasia.

Estirae-vos, numa das tardes de outubro, numa cadeira de vime, ao canto de um terraço. Aspire-a. Vossos olhos se irão fechando, ao perfume que vem do jardim e que se evolva, para uma musica inconfundivel, cor de cinza, cor de chumbo e cor de crepe, que aos poucos, descerá do crepusculo... e que se alastrará lentamente como aguas mansas... que occupará o espaço todo... que formará o fundo soluçante e continuado da vida, no qual o primeiro raio do luar, acordará o harpejo dos insectos, que se amam na relva verde da esperança...

Ficac assim, de olhos fechados para a vida, para a miseria para a dor. Esquecel-vos do corpo, das palpações, dos appetites... Vossa alma, então, liberta e feliz, sahirá para o crepusculo e para o luar, coroadas pelas flores de vosso jardim, como uma figura luminosa da Hellade immortal, e se incorporará á alma suprema da felicidade, que é a alma da fantasia, a alma do perfume, do som da cor e que, na gaze ligeira do ancio indeterminado das libellulas, queima-se na luz perenne do ideal...

Júlia Rita Malheiros

(Revista Feminina de S. Paulo)

A'S NOSSAS LEITORAS

A fundação, no Rio de Janeiro, do primeiro club exclusivamente feminino, o club das senhoras paulistas e da Associação da Mulher Brasileira, bem como, o apparecimento simultaneo, em diferentes Estados do Brasil, de novas escriptoras e de novas jornalistas, prova com clareza que nossa Revista surgiu, ha tres annos, no momento opportuno, no momento em que começavam a despertar as energias femininas, por tão longo tempo adormecidas, no concurso das forças que activamente trabalhavam para o nosso levantamento moral e intellectual. Não temos a pretensão de suppor que nossa modesta publicação tenha corrido ou influído para tão promissor, quanto magnifico momento. Não nos leva porem, inexplicavel modestia, a apoucar nosso esforço ao extremo de não reconhecer nelle, o concurso de uma vontade tenaz que, pela mesma causa, não tem medido sacrificios, nem abnegações. O grupo de senhoras — que constituem o nucleo que valorisa nosso apagado desejo de contribuir, na medida de nosso fraquissimo merito, para a reconstituição do nosso estremeado Brasil — merece por certo, não só de nossa parte, como, tambem, da parte de nossas leitoras, palavras de entusiastico encorajamento, pelo desinteresse e pelo ardor com que se têm posto ao serviço de tão nobre empreendimento.

Todas as classes sociaes agitam-se neste momento de grave angustia, para o soerguimento do nosso Paiz que, infelizmente, a irreflexão de máis dirigentes levou quasi á anarchia. Todos... desde as creanças, desde os boy-scouts de oito annos!

E quando todos assim se levantam, movidos do mesmo enthusiasmo, a mulher brasileira não pode continuar indifferente a um destino que tão de perto toca ao seu lar e á sua raça.

O concurso da mulher só pode ser o concurso da intelligencia e do coração. Mas é justamente o concurso da intelligencia, concretisado na disseminação da instrucção e da cultura, o que nos póde salvar. Foi a este raciocinio que obedeceu, ha tres annos, a fundação da *Revista Feminina*. E com ella, queimando-se á luz do mesmo ideal surgiram em nossas columnas, espiritos femininos até então ignorados, que viviam reclusos, á sombra de preconceitos que as modernas correntes de civilisação não mais admittem.

Pela nossa secção — De todo o Brasil — têm, as nossas leitoras, acompanhado, a disseminação que procuramos dar á nossa Revista, do Amazonas ao Prata, desfaldando-a como a bandeira de uma cruzada, para que á sua sombra se venham alistar confiantes, todos os espiritos femininos, que queiram acompanhar-nos na missão, por todos os titulos nobilitante e sympathica, da intensificação da cultura feminina.

Temos o orgulho de dizer, pelas manifestações escriptas que diariamente nos chegam, que conseguimos manter uma publicação de moral insuspeita e de boas letras, que se tornou a verdadeira leitura do lar, numa epoca em que da imprensa tão mau uso se faz.

E' uma satisfação porém, puramente moral. Em tres annos de luta a Empresa Feminina Brasileira, que tão immerecidamente me confiou sua direcção, só tem tido prejuizos com sua publicação, prejuizos que o preço sempre crescente do papel, vae, de numero a numero, tornando mais difficil sanar.

No emtanto, com um ligeiro esforço de cada uma de nossas leitoras, a nossa situação poderá tornar-se prospera! Parece incrível que vivendo, como vivem, folgadoamente, em paiz tão extenso, tantas revistas masculi-

nas, uma unica publicação feminina, feita sem escopo de lucro, se mantenha com tão grandes e quasi insuperaveis difficuldades! Lutamos no emtanto, de um lado com a hostilidade e a ironia de espiritos masculinos retardados e de outro lado, com a differença, quasi peccaminosa, da maioria das senhoras brasileiras, para com uma publicação que, toda, sem restricções, á ellas se dedica!

Appellamos pois, de novo, para as nossas leitoras. Bastaria que cada uma dellas nos enviasse uma nova assignatura. E' um esforço minimo, quasi inappreciavel, em favor de uma causa commun. O que pedimos não é para nós. O augmento de nossas rendas será todo applicado em proveito da propria Revista, que procuraremos melhorar, augmentando o numero de paginas, multiplicando suas secções domesticas, elevando-a enfim á altura das grandes publicações femininas da America e da Europa.

Nenhuma de nós trabalharia com fito de remuneração ou de lucro. Trabalhamos todas por um ideal, cuja victoria será bastante para compensar todos nossos esforços, todos nossos sacrificios.

Esperamos pois que cada uma de nossas leitoras, no terminar a leitura destas linhas e antes que outras preocupações venham emmudecer o eco de nossas palavras, concorram para o pleno exito de nossa tentativa, enviando-nos uma nova assignatura, que será uma pequena pedra, para a construcção do grande e immorredouro edificio com que sonhamos; — a constituição de uma Patria grande e cohesa, em cuja bandeira as mãos femininas tenham bordado, com empenhado afan, as letras de ouro da legenda do patriotismo.

Virgíliã de Souza Salles

Directora

A LEI DO AMOR

GOMES DOS SANTOS.

O amor, que desde seculos longinquos tem constituído um objecto de meditações para os pensadores e um objecto de espirito para os phantasistas, recebeu agora uma nova definição. Tinha-o visto sahir das mãos profundas de Tocqueville, de Vauvenargues e doutros philosophos de almanach, com os prestígios do desinteresse e do altruismo. Eis que o sr. François de Curel, dramaturgo francez, nos chama energicamente á realidade das cousas e define o amor como um acto de egoismo — *la danse de vanité le miroir*. Assim se intitula a sua peça mais recente, ornada das graças da ficção, é certo, mas estruturada inequebravelmente nos moldes da realidade.

Para o sr. de Curel o amor é, pois, a dança deante dum espelho. O que amamos em alguém, não é a sua belleza physica pessoal, o perfume do seu espirito, esse «vago encanto da mulher amada», de que nos falou Vicente de Carvalho num soneto lapidário — mas simplesmente o reflexo das nossas proprias qualidades. O objectivo dos nossos sonhos é sempre, psychologicamente, um desdobramento idealisado do nosso eu. Que esse espelho perca o aço que fixa a imagem, que o alvo de nossa paixão deixe de reproduzir a nossa propria silhueta moral, e eis extinta a ardência do nosso sentimento, substituida pelo mal disfarçado odio da nossa desillusão.

Philosophos facéis, aos quaes a especulação assusta, organisaram sobre o amor theorias vagas, que mal encobrem, ou a ignorancia do assumpto, ou a preguiça de raciocinio. «Ama-se porque se ama», eis uma explicação corrente do amor, explicação que nada explica e que subtrah vergonhosamente á penetração contemporanea a origem dum sentimento que predomina sobre todos os outros, dum sentimento que para muita gente é a suprema razão de viver. Os philosophos mais profundos não seguem este systema; para elles, o amor é, como todos os sentimentos, um phenomeno que teve a sua lei, a sua periodicidade, a sua genese dentro de certas circumstancias e o seu termo dependente de determinados factos. Para o estudo philosophico do amor trouxe-nos o sr. de Curel, com a sua peça symbolica, uma contribuição importante e um ponto de vista novo.

Se o amor é a dança deante dum espelho, são forçosamente erradas todas as definições que lhe dão por base o desprendimento, a dedicação e elevação de espirito. Elle ficará reduzido, simplesmente, num acto de egoismo, de culto pela propria individualidade, de interesse pessoal levado até a projecção, sobre um outro ser, das nossas qualidades e das nossas vontades. Que esse reflexo é illusorio, na maioria dos casos, não soffre duvida; porém, quem ama não soffre duvida; porém, quem ama não tem consciencia dessa illusão. Os apaixonados attribuem cegamente á pessoa amada todas as suas meliores e mais nobres virtudes e desenham-na em espirito como um reflexo, uma sombra da sua propria personalidade. Emprestam-lhe as mesmas ideias e sentimentos, as mesmas generosidades fecundas e uma communição de gostos e de aspirações que em realidade não existe.

A atracção sexual realisa-se mercê dessa illusão mysteriosa que em certas horas da vida tem, para nós, todos os caracteres distinctivos da realidade. E' essa illusão que associa, por vezes, dois seres fundamentalmente separados por differenças de educação e de sentimento. E' ella que determina, quando cessa de manifestar-se, esses conflictos violentos de duas almas, conflictos que são a tragedia occulta e interna de todos os matrimonios desenganados, de todas as paixões saciadas e de todos os enthusiasmos gastos. Quando um conjuge já não se reconhece no outro e verifica que elle é um ser distincto autonomo e independente, e não uma mera projecção do seu eu, o interesse que ella lhe merecia diminui até apagar-se de todo. O egoismo levanta então a recusar-lhe qualquer participação na nossa vida moral e intellectual, a que o consideramos estranho. As leis exigem que ambos supportem a existencia, lado a lado, como prisioneiros de cegas forças sociaes, escravos de interesses collectivos que impõem sacrificios pesados. Mas a sociedade actual está cheia de evadidos e conta por milhares as infracções á moral conjugal, o que é um symptoma bem manifesto da crise que atravessamos.

O egoismo mais estreito governa o mundo e é a mola de todos os phenomenos que nelle se manifestam. Nos seres racionais, como nos irracionais, o individualismo triumpho e refina. O estado de revolta social da nossa epoca não provem senão do desequilibrio, cada vez mais accentuado, entre as instituições que consultam o interesse colectivo, impostas *a priori* á sociedade, e as exigencias naturais do individuo, a quem repugna systematicamente toda a compressão do instincto. O nosso espirito podesse livrar-se a alturas magnificas e formular uma moral de renuncia, de privação, de sacrificio. O nosso instincto, porem, reage contra a applicação á vida real dos princípios

convençioneaes que regem a sociedade, com desprezo dos interesses individuaes.

Voltemos porem ao amor e a sua genese e essencia... A explicação do sr. de Curel já fôra presentida por Malebranche, que escreveu: *«La raison humaine ne comprend pas facilement que par rapport d soi.»* Não ha muita distancia entre esta definição subtil e a do auctor da *Danse devant le miroir*: *«On n'admire pas celui qu'on aime; on contemple son propre idéal qu'un être, jaloux de vous plaire, vous offre plus ou moins bien reproduit...»*

Esta definição procura um meio termo entre duas escolas muito conhecidas. Está igualmente distanciada dos poetas, que dizem que o amor é uma transfiguração, uma assumção e mesmo uma resurreição; e dos positivistas que opinam que o amor é, simplesmente um contacto entre duas epidermes.

Gentil leitora: a ultima palavra sobre o amor não cabe nem aos poetas nem aos positivistas. Ella não ressaltará do ultimo poema lido nem tão pouco dos dialogos espirituosos do vosso derradeiro flirt. Será um philosopho, um psychologo, talvez um simples naturista quem, um dia, achará, num velho gabinete cheio de livros, a formula decisiva e integral da lei do amor. Por enquanto, é ainda um dramaturgo de genio ideologico que se occupa d'elle. Amanhã — quem sabe? — o amor será um assumpto de laboratorio, querido aos neurologos e a toda a legião dos prescriptores da machina humana. Quando isto succeder já não haverá poesia — a não ser a poesia futurista, que não respiga os seus motivos e emoções na eterna serenata dos dois sexos. Quando isto succeder, em summa — já não haverá amor.

Tedio hiberna

Vida, não tens os odios nem a estima
De quem o gozo teu não desconhece...
Cantecendo, entristecida, a farta messe
Da dissabor que o teu saio anima.

Do mal abaixo e da bondade acima
Esta se alivia, quando aquelle deca,.
E, muda a voz, sem pragas e sem prece,
Não ha quem, alto, tal estado exprima.

Lago velado por neblinas densas
A' luz do sol e ao luar sempre escondido,
Noss'alma em nada crê, nem tem descrenças.
E ó morte! eu te desejo convencido
E orgulhoso do bem que me dispensas,
Né quizes de morrer sem ter vivido!..

EMILIO DE MENEZES.

estar, em afastar-me d'ella o mais tempo que posso.
A unica esperança...

Gabriel, porem, fôra obrigado a interromper a sua carta: entrára-lhe Othilia no escriptorio.

— Que massada! — disse-lhe ella. — O Boy está com febre!

— Boy está com febre! — exclamou elle, demutando-se-lhe o semblante.

— Está sim, mas não deve ser nada! O que mais me preocupa, é o meu vestido que não me mandou a costureira! Prometteu-me tanto para hoje.

— Para hoje! Ha alguma festa?

— Sim faz annos a Clarinha, nossa afilhada. Nós não podemos deixar de lá ir: ficaria penalizado o general!

— E o Boy, coitado-nho que está com febre: como o havemos de deixar?!

— Ora, fica aqui com a Miss! Em melhores mãos não poderia ficar. Gabriel, cravou no chão um olhar afflicto, profundamente desgra-



çado. Ia depois a fazer-lhe uma pergunta. — Othilia, porem, interrompeu-o risonha:

— Sabes, passando pelo Mappin, comprei lá um presente para levar á Clarinha. Uma pulseira: coisinha modesta, sem importancia, — ali de uns quinhentos mil réis... Não fiz bem?...

— Fizeste, sim, fizeste! — respondeu-lhe elle indifferentemente, alçando os hombros.

E, á noute, enquanto, requintava ella, na toilette, deixava-se ficar pensativo, Gabriel, ao pé da caminha, onde o Boy, com as facesinhas rosadas da febre, dizia-lhe com a sua meiga voz infantil:

— Mas, o meu paesinho volta logo?...

E a ingleza, ao lado, tranquilisava-o repetindo:

— Oh! yes, darling! Father comes back quickly!

Réné Thiollier

(Villa Fortunata)

O Feminismo

As palavras têm uma significação bem singular.

Que quer dizer essa palavra feminismo, senão uma derivação de feminino, de mulher? Entretanto tem hoje significação muito diversa. As feministas são mulheres que aspiram a inter parte na sciencia, nos empregos, na influencia e nos costumes dos homens, ou homens que querem conceder ás mulheres todas estas pretendidas vantagens. Isto é, umas aspiram a abandonar seu papel natural, e os ajudam com todo o seu poder.

Ignoro o que ganhará o sexo forte em encontrar em toda a parte excepto no lar, a mulher que elle desviou de seu destino. Mas sei o que perderá a mulher com esta abdicção e usurpação. A' seus deveres estão ligados seus privilegios; se ella abandona uns, perderá os outros. A mulher masculina é uma especie de phenomeno, e afasta de si toda a sympathia. Quaes mulheres tem sido mais valerosas mais fortes e mais detestadas que as Sparciatas? E se uma aureola de respeito circunda ainda a matrona romana, não é porque ella conservava a honra do lar e formava

homens que podia em seu justo orgulho chamar suas joias?

Em tempo algum a mulher gosou de mais respeito e se lhe prestou maior culto que na idade media. E la exerceu uma influencia sem igual, não devido a sua sciencia que era nulla, mas á virtude e aos encantos que ella soube desenvolver.

A educação actual que tende a fazer das mulheres as rivas dos homens, em nada augmentará sua influencia; lutar-se-á contra ellas, mas voltarão á sombra donde saíram imprudentemente, e perderão toda a sua graça abandonando tudo o que caracterisava seu sexo.

« Mas a mulher é igual ao homem e tem direito ao mesmo gráo de instrução! »

Igual ao homem? Oh! sem duvida! Não serei eu que rebaxeirei meu sexo; e quanto aos seus direitos, estou prompta a reivindicar todos os que lhe podem ser uteis.

A mulher foi creada para auxiliar e companheira do homem e não para sua escrava. Ora para que ella seja sua auxiliar é preciso que seja seu complemento; ella tem como o homem uma igualdade de compensação uma paridade absoluta. Não ha differenças entre suas almas, mas diversidades, no exercicio dos orgãos que vibram nas almas.

Alem de que, a queda original veio perturbar profundamente a or-

dem primitiva. A mulher aliás depende do plano divino. não se tornou de nenhum modo inferior ao homem; mas as condições da nova existencia e as particularidades do castigo.

EXPEDIENTE

ASSIGNATURA ANNUAL — 74000

As assignaturas podem começar em qualquer mez terminando um anno de pois no mez correspondente.

A todas as pessoas que tomarem uma assignatura da REVISTA FEMININA remetteremos como presente O Adaluis elegante Hyrindo de receitas de cozinha e doces ou um fasciculo do "Cyrano de Bergerac" de Edmund Rostand.

Toda Sra. que nos arranjar 10 assignaturas terá uma assignatura gratis.

Avizamos as senhoras assignantes cujas assignaturas terminam neste mez, que devem mandar reformar-as quanto antes evitando assim que seja suspensa a remessa da REVISTA.

Toda a correspondencia destinada á REVISTA FEMININA deve ser dirigida a Da. Virgínia de Souza Salles, directora da Empresa Feminina Brasileira, Rua 15 de Novembro, 33, São Paulo.

A REVISTA FEMININA precisa de bons agentes em todas as localidades do Brasil.

A BONECA DIVINA

OUVIMOS falar no famoso concurso dos esculptores da Parisiense? Um outro grupo teve depois a ideia de pedir aos Mestres do pincel para crear uma imagem de mulher que a pudesse re-

presentar bem e nos desse o completo symbolo da parisiense dos nossos dias. A ideia é engenhosa. Porem pergunto eu. Porque é que não pensaram antes nos esculptores e se voltaram para os pintores? Porque se trata com effeito, não de crear a Venus moderna sahindo de ondas de finas rendas, mas de synthetisar a graça vestida e ornamentada da mulher de seculo xx, tal como a fez, a moda de hoje. E para isso, — ou me engano muito, — não ha nem Rodin, nem Bourdelle, nem Bartholomé que seja capaz de rivalisar com Boldine, com Gandara, com Hellen e com Guillaume.

Vemos no Salon até onde chega a sciencia dos artistas das bonecas modernas. D'uma silhueta em que um pintor academico nos teria dado uma mulher apenas excentricamente vestida, Boldini desenha e pinta a mulher de Paris e da nossa epoca. Não é bem Mme I. H. Com effeito essa deliciosa dama vestida d'azul que cruza insolentemente as pernas, deixando ver os sapatinhos tentadores e as suas canelillas de avestiz; não é ella bem uma das que ás 3 da tarde se apeiam dos seus automoveis luxuosos e marchando, lentas e rhythmicas, se encaminham para as costureiras celebres e prestigiosas modistas? Não. Este não é o ser que possui diante do artista. E' a imagem pura da Elegancia e do chic de Paris, incarnados n'uma figura ideal e eterna, a que os poetas dedicam versos.

Hallen tambem é dos que em cada um dos seus desenhos nos dá symbolos. Tenho aqui presente a pagina d'uma illustração, na qual uma *petite dame*, desenhada pelo mago das elegancias, atravessa, como ligeiro passarito, uma rua cheia d'automoveis. Aonde vae? Onde vem? Nada lhe podemos perguntar porque os seus labios, deliciosos e complicados, mentem sempre. Vae talvez á igreja, talvez ao inferno, volta do seu confessor, ou talvez do Diabo. O que importa! Vae e vem, sempre com o mesmo sorriso á flor dos labios, divinamente impassivel, como as deusas. As tragedias sentimentaes não lhe arrugam, nem o vestido nem a fronte. Veja-se o caso de Mme Bellens, vilmente esbofetada pelo seu marido e recebendo depois todas as suas amigas, n'um chá intimo, muito tranquilla e feliz. E' um symbolo. Muitas ha que entram nos seus salões como sahiram do convento, olhando tudo beatamente e que trazem o coração apunhalado. Nos bailes da aristocracia, nas festas do alto mundo, não ha gritos. Tudo é suave, tudo é ligeiro, tudo é delicado. Mas ai de nós! no meio d'essa frivolidade, quantas tragedias occultas.

Deus sabe, se esta parisiense que vae pelo *Boulevard* não marcha em direcção do crime, levando no interior do seu regalo, um brawning carregado!

E se Hellen e Boldini nos parecem ás vezes um pouco graves, para encarnar a Parisiense, voltemo-nos para Guillaume.

Este pintor não nos dá senão as bonecas divinas de Paris. Apenas bonecas. Bonecas loiras e bonecas morenas, umas que são voluptuosas, outras que são encantadoras, bonecas trajando como princezas orientaes e imperatrizes byzantinas, bonecas que dizem *papa, mamã*, mas que tambem dizem *meu amor*, bonecas de tal maneira perfeitas que até usam uma mola no seio esquerdo, palpitando como um coração! E não me digam que nos seus albuns e nos seus quadros existam outros seres como nós, de carne e osso. Estes seres estão lá apenas para servir de comparsas.

A verdadeira heroína é sempre a deliciosa boneca d'olhos halucinantemente tentadora. E eu, apenas a vejo na capa d'um livro ou nas paginas d'uma revista, reconheço-a logo e saúdo-a. Cumprimento-a em francez, está claro. Porque mesmo se a revista é ingleza ou *yankée*, advinho sempre que ella é parisiense. Em Nuremberg as bonecas são d'outra maneira, mais fortes e conservam-se mais. Porem não são assim. Não tem esse chic, nem esse ar, nem esse modo d'ondular, nem essa admiravel petulancia, nem esse garbo fino, nem esse diabolico olhar, nem essa cõr tão suave e transparente. Podem-me contestar que é uma questão de pintura. Bem o sei. Mas não nos pode impressionar por sabermos por experiencia que o branco e o carmim de Dona Elvira, ainda que os artificiaes, valem mais do que o *arredo* de Maritornes, tão natural e tão santo.

Os nossos bons mestres, os gregos da grande epoca, que foram peregrinos doutores na sciencia de saber gosar, exigiam que as suas mulheres se pintassem como bonecas. Porque é que nós não devemos consentir ás nossas bonecas que se pintem esplendidamente como mulheres? Pessoalmente, eu não somente isso lhes permitto, senão tudo o que os seus caprichos desejam. Amae como mulheres, digo eu sempre, choreae como mulheres e ridee como mulheres.

E logo muito grave, digo mais ainda:

« Uma coisa lhes rogo, é o de não chorar como as mulheres e ter mau genio ». Mas ellas, mais ellas de contrariar por instincto a primeira coisa que fazem é a de serem insupportaveis, terrivelmente insupportaveis. Não ha ideia com effeito de toda a crua maldade que existe no fundo da alma d'essas creaturinhas que Guillaume retrata, entre rendas e fitas vistosas. A cabeci-



nhã tão ligeira é como uma cabaça vazia... Antes fosse isso! Se fosse vasia Paris seria um paraíso, pois essas bonecas só nos poderiam dar a suavidade das suas mãos, o sorriso dos seus lábios, a malícia dos seus olhos, o ritmo dos seus corpos, a harmonia das suas palavras ternas! Mas acima de tudo esse paraíso artificial existem nos seus cérebros diabólicos um machismo que só produz tormentas...

Guillaume que não é um aspero moralista à maneira de Forain, nem um poeta como Willette, não lhes atribue frases lapidárias. O que faz apenas é repetir o que ouve nos restaurantes, nos theatros, nos passeios, em todos os lugares onde a boneca galante triumphava. Basta-lhe isso. É preciso ver a arte preciosa com que todas essas lindas damas *posam* para ferir com uma voz cantante qualquer epigramma. Não há consideração alguma que as contenha... Mesmo os seres que mais adoram, ellas torturam. O que digo! São em especial aquelles a quem sem piedade e sem consciencia ferem o nosso bem simplório coração.

— E' a nossa unica vingança! — exclamam essas gentis bonecas.

Não, não é bom falar n'isso. A irritação seria maior. Pois ellas asseguram que são bonecas... contra a propria vontade e que desejariam pelo contrario ser apenas mulheres, simples mulheres, ainda com o risco de perderem um pouco d'encanto, de prestigio e de riqueza.

LIVROS NOVOS

Jardim de Académus

Brilhante cronista e philosopho bem humorado, como o o nosso illustre collaborador Dr. Gomes dos Santos, a leitura de seu livro *Jardim de Académus* dá qual se, nos envia um exemplar, proporcionou-nos horas agradabilissimas, com sua despretensiosa e encantadora «florete» sobre o dia-dia da sociedade contemporanea.

O Dr. Gomes dos Santos como cronista tem uma qualidade de positivo que falta a muitos mexeriqueiros coevos — é leve, brilhante e de estilo fluente. Com essas qualidades, o seu commentario aos diferentes factos e aspectos sociais que se succedem nas paginas de seu livro, não tem a pretensão enfatuada que enfastia no critico, nem a *claire* dogmática dos philosophos que passavam as suas chitanydes illustres no jardim do dádrosso *Académus*, ainda mais obscuro, em hora crepuscular, com seus audaciosos sophismas, as complicadas incognitas do Ser e da Substancia.

O Dr. Gomes dos Santos atravessa as paginas floridas do seu *Jardim de Académus*, sem chitanyde, sem coque, sem o apparato imaginario que nós emprestamos à phantasmagoria de uma Helade distante. Atravessando, *bonnet et gentiment*, em uma quinzena de alpacas, entre uma chieira de café e as meiraptes espirais de fumo de uma cigarrilha feliz, cujas encendidas e de se desdobram no espaço, levam em cada um de seus arduos refolhos, a imagem leve, suave e esbelta, que nasce do commentario optimista das horas repositadas e tranquilas.

O sr. Dr. Alfredo Vaz de Oliveira Ferraz, foi incumbido pelo prefeito do Recife, Dr. Eudoro Corrêa, de organizar e dirigir o serviço de recenseamento do Municipio do Recife, e o nosso brilhante collaborador e prestimoso correspondente, Dr. Lauro Borba, teve a amabilidade de enviar-nos um exemplar do volume, em que se acham enfileiradas todas as observações e todas as colligadas na execução d'aquelle serviço. O volume é aberto com um estudo historico sobre o municipio do Recife, estudo deveras interessante, que modestamente seu auctor

Sim, meus irmãos! Vocês que estão acostumados a não ver senão a superficie luminosa da vida galante; vocês que se extasiavam diante dos carros luxuosos onde se exhibem as faldas modernas, as grandes peccadoras; vocês meus excellentes camaradas que tomam a serio o divino engano das canções nocturnas e que chamam a alegria o que não é senão poeira vazia... sabei que quando ellas dizem *este luxo me pesa*, com toda a sinceridade vos affirmo, que é talvez essa unica verdade que sae d'esses labios deliciosos!

E se a boneca de Guillaume não vos parece sufficientemente bella, ha ahi, a vossa lado outra que é uma flor aristocratica.

A qual?

Com effeito esta mulher bella, ondulante que nós vemos tão discretamente nas montras dos vendedores de quadros, é a flor suprema d'uma raça.

Vê-se que nasceu para seduzir. Olhem para as suas mãos esmaltadas com joias raras e digam-me se essas lindas mãosinhas tão preciosas podem fazer outra coisa que não seja: ou uma caricia, ou uma saudação, ou o signal da cruz nos seus labios? São ninhos de beijos e de galanterias. Foi educada no amor, na adoração da sua pessoa interessante. Com refinados caprichos, com desejos loucos. Desde a infancia só lhe ensinaram o prazer.

E' a boneca de luxo!

E. Gomez Garrillo

chama «breve noticia» e que no entanto, é uma bella colligação de todos os factos que se prendem à formação, ao desenvolvimento e aos diferentes phenomenos evolutivos a que esteve sujeita a capital de um dos nossos mais adelantados e mais bellos Estados, o heroico e glorioso Pernambuco, ao qual o Brasil deve algumas das mais epicas de suas paginas. Segue-se o trabalho de recenseamento, feito com notavel economia e com louvavel methodo, ao qual se quiz associar o governo do Estado, concorrendo com uma verba, especial.

Não cabe nos moldes e no feito de nossa Revista noticia mais detalhada sobre o trabalho do Dr. Alfredo Vaz de Oliveira Ferraz, que recomendamos com calor aos que se interessam directamente pelos estudos estatísticos, que dão a conhecer e estimulam o desenvolvimento de nossos Estados. Ao nosso brilhante collaborador Dr. Lauro Borba agradecemos o exemplar que nos enviou e a collaboração valiosissima que nos está prestando no glorioso Estado de Pernambuco que, como dizia Nabuco, «tem um passado que o coroa como uma aureola e que brilha ao luar, sobre as suas pontes e as suas torres, como a alma de uma nacionalidade».

Leoncio Correia

Entre os nossos poetas occupa Leoncio Correia uma das mais culminantes posições pela esthesia finissima que dá aos seus carmes com uma nota suavisima, que encanta e deleita as almas sensíveis. Ainda agora, recebendo a visita do maximo poeta e folheando o volume no qual Xavier Pinheiro reuniu as suas mais formosas produções, tivemos horas de fino gozo intellectual. Nas cento e poucas paginas, de que se compõe o volume que nos foi offerecido, não ha o que escoller. São todas ellas de labores finissimos, que se recebem, sem desgosto, certas involuntarias de forma e algumas rimas extravagantes.

Mãe! minha mãe! na augusta clareza
Das feus albas, tranqueiros e rediosas,
Ri-se e estu; e se o céu não vir, quem ha de
Rir, acaso, por elles tão piedosos?

Quem faz assim uma linda quadra, de tão suaves e limpidos tons, pôde-se permitir, de

vez em vez, extravagancias de rimas, como a do segundo verso da quadra seguinte:

Pois que sejas mulher honesta — ufana,
Da virtude te fazes fructo encanço;
E passas pela terra como um sonho,
Das maguas dispersando a caravana.

Não temos em fito, com as poucas palavras que podemos dedicar a Leoncio Correia, para nossa carencia de espaço, fazer um esboço sobre a sua vida e o incontestavelmente notavel trabalho, mas apenas prestar-lhe merecida homenagem, durante sua passagem pelo nosso Estado e agradecer-lhe a bondade com que quiz honrar as paginas de nossa Revista, com uns lindos versos, que vão por certo fazer as delicias de nossas leitoras.

Paginas para a infancia

Mais um livro escolar temos hoje a noticiar: «Paginas para a infancia», de D. Helena Junqueira Loureiro, publicado em Cruzzeiro, neste Estado. A propria auctora define seu livro nas seguintes palavras: «Conhecendo a escassez dos nossos compendios didacticos, occorreu-me a ideia de dedicar à nossa infancia, este insignificante trabalho, que não passa do de um singelo e humilde esboço daquillo que meu coração de mãe de-seja offerter a essa minha infancia.» Ha de facto, em todo o livro, uma carinhosa sustida que evoca os contos maternos e que, por isso mesmo, faz seu encanto o e deve tornar de agradável leitura aos pequenos leitores a que é dedicado. No genero litterario infantil, em que deve entrar mais de coração, de sentimento, de meiguice, do que de analyse fatigante, é indubitavel a superioridade das mulheres escriptoras, sobre os homens. Para a educação das pequenas almas doentes a natureza o abomolado rhythm da maternidade, que ensina por uma carilha toda unica, que se solettra entre um sorriso meigo e uma observação, que do tio nunca não chega a reprehender. O livro de D. Helena Junqueira tem, através de suas paginas, a doçura daquillo rhythm e nisto está seu maior encanto. Não gratas pelo exemplar que nos foi enviado.

A FUGA POR GUSTAVO GANDOLFO

ESCURECIA. Victorio de Lalanço, encostado ao peltoril da janella, pensava na festiva recepção feita na noite anterior, pelos turinenses, no theatro Regio, a Princeza Paulina e no Principe Camillo Borghese, governador de Turim sob a aza poderosa da aguiça napoleonica.

O criado appareceu à porta do apartamento: — Senhor Barão, um homem envolto em um grande capote, deseja fallar-lhe.

— Quem é?
— Não sei.
Não quiz dizer o nome.

— Mande-o emborá...
— Já tentei; mas insistiu tanto...
— Então, fale-o.

O criado retirou-se e pouco depois entrou no apartamento uma alta figura severa, de botas lustrosas, um grande capote negro que lhe escondia a metade do rosto e tendo na mão um chapéu de abas largas.

O barão Victorio levantou-se e quando o reconheceu abrio, um movimento franco, o capote, gritou surprehendido: — Alberto? Tu? Aqui? Como é isto?

E antes que o outro respondesse apertou-lhe fortemente a mão e assim a manteve entre as suas, sorrindo.

— Não me esperavas, não é verdade, caro amigo? disse o Conde Alberto de Camerana.

— E' uma deliciosa surpresa. Sentate-te. Que diabo! depois de tanto tempo... — Sentaram-se ambos junto à uma mesa.

— Contigo, Victorio, abrirei a minha alma, mesmo sabendo que gozas a confiança do principe Borghese. E's um gentilhomem e não me trairás.

— Falia, Alberto.

— Tu sabes como o Rei Victor Emmanuel pensa sempre na sua cidade e que a Sardenha não se pode conformar com a ideia de perdê-la definitivamente.

Nos primeiros tempos lhe chegavam, de quando em quando, da nobreza turinense, longos e calorosos protestos de fidelidade; mas nestes ultimos dias, dada a desconfiança da policia franceza, os espiões espalhados por toda a parte onde...

— As prisões infligidas aos mais entusiasmados na fortaleza de Fenestrelle.

— Por tudo isto, dizia eu, na Corte da Sardenha não chega senão uma ou outra carta de alguma rara familia patri-

encostado ao peltoril da janella, pensava na festiva recepção feita na noite anterior, pelos turinenses, no theatro Regio, a Princeza Paulina e no Principe Camillo Borghese, governador de Turim sob a aza poderosa da aguiça napoleonica.

O criado appareceu à porta do apartamento: — Senhor Barão, um homem envolto em um grande capote, deseja fallar-lhe.

— Quem é?
— Não sei.
Não quiz dizer o nome.

— Mande-o emborá...
— Já tentei; mas insistiu tanto...
— Então, fale-o.

O criado retirou-se e pouco depois entrou no apartamento uma alta figura severa, de botas lustrosas, um grande capote negro que lhe escondia a metade do rosto e tendo na mão um chapéu de abas largas.

O barão Victorio levantou-se e quando o reconheceu abrio, um movimento franco, o capote, gritou surprehendido: — Alberto? Tu? Aqui? Como é isto?

E antes que o outro respondesse apertou-lhe fortemente a mão e assim a manteve entre as suas, sorrindo.

— Não me esperavas, não é verdade, caro amigo? disse o Conde Alberto de Camerana.

— E' uma deliciosa surpresa. Sentate-te. Que diabo! depois de tanto tempo... — Sentaram-se ambos junto à uma mesa.

— Contigo, Victorio, abrirei a minha alma, mesmo sabendo que gozas a confiança do principe Borghese. E's um gentilhomem e não me trairás.

— Falia, Alberto.

— Tu sabes como o Rei Victor Emmanuel pensa sempre na sua cidade e que a Sardenha não se pode conformar com a ideia de perdê-la definitivamente.

Nos primeiros tempos lhe chegavam, de quando em quando, da nobreza turinense, longos e calorosos protestos de fidelidade; mas nestes ultimos dias, dada a desconfiança da policia franceza, os espiões espalhados por toda a parte onde...

— As prisões infligidas aos mais entusiasmados na fortaleza de Fenestrelle.

— Por tudo isto, dizia eu, na Corte da Sardenha não chega senão uma ou



... Tu ficas aqui até meia-noite... Partirás, então. Uma vez em Asti estás salvo...

quer comparação com a Corte actual, cheia de barulho, de alegria e de festas.

— Já percebi isto meu amigo.

Um bello dia Sua Magestade mandou-me chamar ao seu gabinete e diz-me mais ou menos, isto:

— Caro Conde, quero dar-lhe uma prova da minha confiança. Sei que é valente, audaz, astuto, o homem, enfim, que me serve. Que diria de uma missão à nossa Turim, para ver, sentir, pesquisar entre o povo e a nobreza e formar um conceito exacto do poder dos usurpadores e dos laços que ahiela nos unem aos bons turinenses?

Naturalmente respondi: — Magestade, estou às vossas ordens.

Recebidas as necessarias instruções, fui feito um pouco de toilette para parecer aqui um gentilhomem provinciano, que vai fazer uma inspecção aos seus haveres, parti para Civitavecchia e depois, vagorosamente, cheguei a Turim.

— Quando?
— Ha um mez,
— Um mez? Como não o vi?

— Tive a cautella de deixar-me ver o menos possivel e de observar muito.

— E os resultados obtidos?

— Desoladores. Direi até que piores do que os bantos chegados a Cagliari.

Mas não é disso que te quero fallar. Chegando a Turim não me quiz hospedar no meu palacio para não dar na vista. Aluguei um modesto aposento no hotel do Mouro, Na praça Carlino. Mas logo nos primeiros dias, percebi que, em torno de mim, formava-se uma multidão de curiosos, de intrigantes, que espiavam pela janella janella, miravam-me da cabeça aos pés, quando sahia, seguiam-me nos passeios; enfim um bando de espiões postos no meu encalço.

Tomei então as minhas precauções. Limitei as minhas observações, diminui as minhas saídas.

Mas, ha dois dias, as cousas mudaram. Não tanto pela rotina que me faziam, mas por certos avisos que tenho recebido. Parece que me preparam alguma surpresa desagradavel.

— Uma prisão?

— Precisamente. Lembrei-me então de vir ter contigo. E's pientonhez até à raiz dos cabellos, leal, observador. A tua attenção pesa até sobre o animo do principe Camillo. Espero de ti um conselho ou um auxilio.

— E' a não execução do serviço que me incumbiu o Rei Victor que me afflige. Que me sugeres?

O barão inclinou a cabeça pensativo.

— A tua missão está cumprida?

— Completamente.

Poderias deixar Turim mesmo esta noite?

— Mesmo esta noite.

— Está bom. Na minha opinião é preciso que partas de surpresa. Eu posuo em Cavoretto, aquella casinha, que conheces, onde tenho sempre dois animaes para as partidas de caça. Dou-te um bilhete para Raniglio, o moço de cavallaria, para que esta noite ponha a tua disposição a egua torrida, um bello exemplar de resistencia e velocidade. Tu ficas aqui até à meia noite. Eu te acompanho até a ponte; chegas à minha casinha, montas na egua e de manhã estás em Asti. Uma vez em Asti, estás salvo. Alugas um carro e em dois dias estás embarcado em Genova. Precisas de dinheiro?

LOUÇAS & VIDROS CASA FRANCEZA DE L. GRUMBACH & CIA, RUA SÃO BENTO, 89 E 91 :: SÃO PAULO

— Obrigado; não preciso.
— Então, estamos entendidos. Espera que eu escreva o bilhete a Ramigio.

O barão Victorio escreveu poucas linhas e entregou-as ao Conde de Camerana.

— Muito obrigado, meu amigo.
Ora esta. Amanhã irei até ao hotel do Moura, desocupar o teu aposento.

— Já o desocupei hoje.
— Oh! diabol! É não pensaste...

— Em quê?
— Na prova clara que proporcionaste à polícia de uma provável partida esta noite!

— Oh! Tens razão. Mas como fui imbecil!

— Naturalmente a vigilância redobrou! Diabol! Diabol! Esperemos que os rafeiros, desta vez, não tardamente encontrem o cheiro.

Mal tinha pronunciado estas palavras, quando se ouviu uma pancada vigorosa no portão do palácio. O conde de Camerana levantou-se, empallidecendo:

— Estão perdidos.

O barão correu a janella meio fechada.

— Oh! Uma patrulha.

Não percamos tempo. O comandante é aquelle idiota do tenente Barton. Aqui, Alberto, aqui. Não perca a calma.

O barão abriu uma pequena porta situada atraz da secretária e disfarçada por uma tapeçaria.

— Ouve. Haja que ouve, não te movas lá dentro, mas se eu tossir tres vezes, sae immediatamente. Quem sabe se se poderá combinar qualquer estratagemã...

O conde de Camerana entrou para o esconderijo e o barão sentou-se, calmamente, a secretária.

De repente appareceu um creado com a physionomia amedrontada:

— Senhor barão, uma patrulha entrou no palácio: o tenente Barton quer lhe falar.

— O tenente Barton? Seja hemvindo. Que entre.

Appareceu na porta um official alto, espadado com uma physionomia atrevida e duas grossas sobrancelhas crespas. Sem a menor cerimonia disse rudemente:

— Barão, o conde de Camerana está escondido no seu palácio.

A policia procura-o, pois tem contra elle graves indicios.

Em nome do governador, ordeno-lhe: que m'o entregue immediatamente.

O barão não perdeu a calma.

Em nome do governador? Não é exacto senhor tenente.

Sua Alteza não só não sabe de nada, como se soubesse não se impressionaria.

Portanto, não diga: «Em nome do governador».

O tenente lateu com o pé no chão, impaciente:

— Deixe-se de subtilidades, barão. Não se valha da amizade do principe contra uma instituição bem mais forte e mais valiosa — a policia.

— Mais forte e mais valiosa? Não, tenente, não concordo.

— Eu não vim aqui para discutir. A minha missão é bem outra. Onde está escondido o conde de Camerana? Não enue da impudencia; não lucraria nada. Não ganharia nada. Nós o descobriremos apesar dos seus subterfugios. E uma vez pre-

so, pode acreditar, barão, toda a sua habilidade para esconder um conspirador seria inutil e ridicula. Portanto...

— Ah! sim? Então descubra, se puder, o conde de Camerana. Elle está no meu palácio. Mas considere que se a sua busca for infructifera, o ridiculo pesará sobre si bem mais gravemente.

— E' um desafio? Pois bem, aceite-o. Qual é a aposta?

— Eila. Se não achar o conde, dá-me a sua palavra de honra, que o deixará sabir do meu palácio sem incommodos e que durante quarenta e oito horas não o procurará.

Vamos então. O principe Borghese está muito seguro de si mesmo e da fortuna napoleonica, para ter medo de um jovem fidalgo.

Assim, todá a importancia dada a este caso, irrital-o-hia. Assim, da sua parte um armistício de quarenta e oito horas; da minha parte mil escudos. Serve?

— E terei liberdade de usar de todos os meios?

— Certamente.

— A sua mão.

— Eil-a, barão.

— Está muito satisfeito?

— Decerto. Mil escudos ganhos assim sem esperar.

— Está certo disso?

— Certissimo.

— Então mande entrar a sua patrulha. Pode revistar todos os cantos. Não me moverei daqui. Peço-lhe, porém, um obsequio: visitari o meu gabinete em ultimo lugar.

O tenente sorriu.

— Concedo, barão. Mas, vou collocar uma sentinella a seu lado.

Na antecâmara dois policiaes não deixaram sahir, seja quem fór.

— Está bem.

O tenente sahio, voltando logo depois com varios soldados, alguns dos queres traziam fachos acesos.

Collocou um perto do barão: abriu a porta em frente e desapareceu no aposento contiguo. Ouviu-se que revistava tudo, que dava ordens rapidas, que obrigava os criados a abrirem os armarios.

Depois a patrulha afastou-se para os aposentos internos.

O barão abaixou a cabeça pensativo. O caso estava complicado: sentinella na ante-câmara, sentinella espalhadas aqui e ali, promptas para acudir ao menor alarme. Para o pobre conde de Camerana a situação não devia parecer muito lisongeira.

Fechou os olhos e poz-se a meditar. Abriu uma gaveta e como a sentinella por uma submissão natural, não acompanhava, com o olhar, todos os seus movimentos, no mesmo momento em que apanhava uma caixa de charutos, pegou rapidamente em uma pistola e pol-a no bolso. Depois levantou-se. Passeou algum tempo pelo quarto, parou deante de uma janella, contemplou um pouco a noite escura, passou duas ou tres vezes, com ar indifferente, junto do soldado, succedendo um charuto e voltando-se de repente, perguntou:

— Fuma? Tome.

Emquanto o rapaz sorria, alongava o braço, o barão deixou cahir o charuto,

cou um movimento fulminante, pegou-o pelo peito, apontou-lhe a pistola á cabeça e murmurou com voz tremula:

— Se gritas, mato-te.

E tossiu fortemente tres vezes.

A sentinella ficou tão apavorada com o gesto resolutivo do barão, que não fez o menor movimento e nem sequer, percebeu que, por traz da secretária, abria-se rapidamente uma pequena porta e que um outro homem se precipitava por ella.

O conde de Camerana, enquanto o barão continuava a ameaçar a sentinella com a pistola, com uma fita amarrara-o, tirou-lhe as armas — ambos obrigaram-no a despir-se, fazendo entrar depois pela pequena porta por onde o conde tinha sahido.

— Se não te moves, disse o barão, será questão de uma hora no maximo; mas se te moves faço-te saltar os miolos. Escolhe.

Ajudou o conde a vestir o uniforme do soldado, fechou a pequena porta e disse, baixo.

— Agora é que são ellas. Ali estão duas sentinellas: é verdade que ha pouca luz, mas passar por elles sem motivo, pode chamar a attenção. Espera. Oh! Vem gente. Estamos perdidos.

Com voz apressada proseguiu:

— Colloca-te ali, no canto mais escuro e não te moves.

E foi sentar-se depressa na secretária. Logo depois appareceu o tenente Barton sosinho.

— O seu apartamento é muito vasto, barão.

— E a busca?

— Até agora sem resultado. Mas não desanimos. Devemos visitar agora o andar superior e não tenho mais sentinellas.

— Diabol! E então?

— Remedie-se. Permite?

E sem esperar resposta, inclinou-se, sobre a secretária, escreveu algumas linhas em uma folha de papel, dobrou-a e disse sorrindo:

— Augmentamos a patrulha.

Mil escudos valem bem o trabalho de incommodar mais uma dezena de homens.

Foi até á porta que dava para a antecâmara, abriu-a e perguntou alto:

— Nada de novo?

Está bem.

E voltando-se disse ao conde de Camerana, que permanecia imóvel.

— Leva esta ordem ao corpo da guarda; depreza.

O conde disfarçado no uniforme da sentinella, pegou o bilhete atravessou ás carreiras a ante-câmara, passou o vestibulo e desapareceu na rua.

O barão nem pestanejou, mas sentiu intimamente uma vontade de rir. Depois observou:

— Durante esse tempo, quem tomará conta de mim?

— Eu, barão. Oh! será coisa de poucos minutos.

Mas os minutos se iam passando. O tenente Barton, como se estivesse em sua casa, passeando de um lado para outro, batia com os pés, chegava á janella, apurava o ouvido. Nada.

— Ora está!

— Que ha?

— Não comprehendo.

— Que é que não comprehende?
— A demora da segunda patrulha.

O barão sorriu alegremente.

O tenente intrigado, parou de repente.

— Porque ri?

— Não ri; sorriu.

— Porque motivo?

— Porque, em vez de apanhar o conde, o tenente, quando muito, pode apanhar — nenhum.

— Mofasas? Como?

— Certamente, porque deu, o senhor mesmo, fuga ao prisioneiro.

O tenente deu um salto para traz.

— Como? Aquella sentinella?

— Aquella sentinella, caro tenente, era o conde de Camerana em pessoa.

E assim falando, o barão Victorio levantou-se, abriu a pequena porta e fez apparecer aos olhos espantados do tenente, a pobre sentinella que enroulras e solidamente amarrada.

— Aceitou a aposta. Perdeu-a. Cumpra a sua palavra.

O tenente estava desesperado.

— Hei de apanhar-o vivo ainda que seja no fim do mundo!

— Tenente, eu sabia que a sua palavra de honra tinha pouco peso. Mas que me estava armado, Obrigado em meu nome e no de Victor Emmanuel.

— Agora pôde sahir.

O tenente Barton não foi rebaixado a calco e preferiu ficar calado.

Alguns dias depois, o barão Victorio recebeu uma carta do conde de Camerana!

— Obrigado, meu bom amigo, graças á tua astucia pude escapar ao laço que me estava armado, Obrigado em meu nome e no de Victor Emmanuel.

Capas para cadeiras

A confecção de capas para cadeiras apresenta algumas difficuldades, que vamos procurar resolver em poucas linhas. A primeira coisa a fazer é determinar a quantidade de fazenda necessaria. Para isto estende-se a fazenda, partindo de 1 — conforme mostra a fig. n.º 1 — subindo até 2 e 3, descendo até 4, 5 e 6 e descontando o necessario para as bainhas. Tratando-se de cadeiras estufadas dão-se 8 pollegadas no ponto 4, para o movimento da capa. Para a medida dos lados, mede-se a fazenda dobrada, do chão até o tope da cadeira (fig. 6). Para cadeiras, como as da fig. 1, 3, 4 e 5, mede-se a fazenda dobrada do chão até o ponto mais alto de um dos lados. Para cortar a capa colloca-se a fazenda sobre a cadeira, do modo indicado na fig. 1 e prendese com alfinetes ao alto e no correr dos pontos onde tem de ser feita a costura, e nos pontos 2, 3, 4, e 5, (fig. 1).

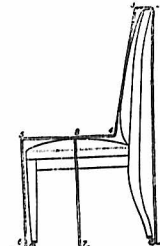
Se as dobras estiverem muito compridas deve-se primeiramente acerta-las bem e passar um alinhavo antes de se costurar. Corta-se então a fazenda que sobrar. (fig. 4). Depois de assentadas as dobras costura-se definitivamente, á machina, arredondando-se a curva do alto da cadeira. Nos lados as peças são cortadas separadamente. Prega-se com alfinetes antes de se cortar a fazenda. (Fig. 3 mostra a cobertura toda pregada com alfinetes e prompta para ser costurada). Usa-se pregar com alfinetes afim de facilitar a costura. As costuras devem ser muito bem feitas tendo-se o cuidado de as alisar bem nos cantos e nos angulos, de modo a não ficar nem um pouco de franzido. Antes de se tirar a cobertura da cadeira, é necessario marcar a abertura. Para as cadeiras largas as aberturas devem ser feitas no meio do dorso da cadeira. (Fig. 5). Fazem-se tambem duas pequenas aberturas dos lados de traz da cadeira. (Fig. 5, B B) e pregam-se botões de luvás. Liga-se a costura com um cadarço.

A curva n.º 4 da Fig. 2, deve ser costurada pelo lado do avesso.

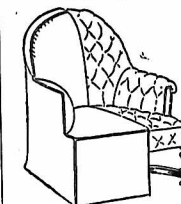
Si a cadeira fór delgada mais ou menos como a Fig. n.º 4, junta-se a frente e o dorso e costura-se juntamente; mas se o dorso fór espesso usa-se juntar uma tira do mesmo panno, e depois de alinhavada e bem certa na cadeira, passar um pesponto.

Quanto ao material usado não é preciso descrever. Projecto para se obter os modelos do centro do espaldar e do dorso da cadeira:

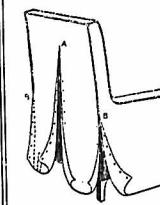
Se a fazenda tem o desenho com flores ou medallhões deve-se collocar a fazenda sempre com os ramos para cima. Quando porém, a fazenda é com figuras é difficil dar-se a medida exacta de fazenda necessaria, porque quasi sempre se estraga o desenho no collocar, e é preciso então substitui-lo por outro pedaço de fazenda.



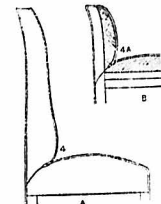
(Figura 1)



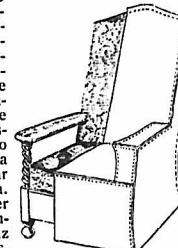
(Figura 2)



(Figura 3)



(Figuras 2 A e 2 B)



(Figura 5)



(Figura 6)

SABONETE AMYRES
fumo suave e qualidade superior.

De por... A VENDA EM TODA A PARTE

Depositar: CASA LEBRE

RUA DIRETA, 2 SÃO PAULO

CLYCINIAS EM FLOR

AE despoitando a primavera entre brumas friorentas, resto de inverno que se esforça por dominar ainda sobre a natureza, largando a pesar o seu ríspido sceptro de imbiucado despotista. Mas ao calor macio do sol a nevoa rasga-se pela manhã fora como um sudário transparente e as folhas abotam-se nos gomos e espelham as primeiras flores nas pontas dos arbustos, numa germinação rápida, como pressurosas de gosarem a vida e encherem o mundo de cores vivas e perfumadas essências.

Vae uma laboração activa no seio da terra. Lá pelo fundo as raízes agitam-se, como nervos, no estremecimento brusco da seiva que afluem em ondas a subir pelos troncos. A química misteriosa da vida opera transformações grandiosas de matéria para matéria. Em cada ser agita-se um mundo; em cada célula acordam energias possantes; da treva escura do solo surge o parturimento magnífico de uma ressurreição esplêndida.

Mas ha como que a dor desse parturimento estampado nas coisas. E' o roxo que domina nos cambiantes das flores. São as violetas, as glycínias e os lilazes que apparecem primeiro com os seus tons modestos e tristes, levemente tocados de viuvez e orphandade. E apparecem despidos de folhas, como carnações tenras nos ramos nus, delineando cicatrizes, lembrando chagas abertas. Depois desdobra-se lentamente o manto de verdura e nascem as flores de tons alacres e vivos, a rosas, os jasmíns, os cravos, a gommia inteira do colorido e da forma, quando o sol, subindo a prumo, dardejia calor e vae pincelando docemente as corolas, com o orvalho das manhaes e as brizas frescas dos poentes.

Está toda a vida e toda a morte neste renascimento da natureza adormecida: toda a vida que foi e toda a morte que ha de ser. Um parto é uma agonia e o desabrochar de um sorriso.

O mundo que renasce no hemisphério do sul numa primavera florida é o mesmo que definha cholorotico e nostalgico no hemisphério do norte, no declínio lento do outomno e do

Flores de seda feitas à mão



CRAVOS

Corta-se o setim em pedaços de 4 e de 5 centímetros. São precisos 1 pedaço de cada uma das dimensões para se fazer uma flor. France-se um dos bordos com pontos invisíveis e recorta-se as petalas. O centro do cravo é feito com uma das petalas menores, voltada em espiral, e arrolada à extremidade de um pedaço de arame. Vase collocando então as petalas menores em volta e por ultimo, collocando-se as petalas maiores. Todas as petalas são amarradas no acaime com uma linha bem grossa. As flores são feitas com tiras encovadas de surral verde de 2 centímetros de largura, e de comprimento variado e mais fina nas pontas.

Costura-se pelo avesso e de laço para cima. Depois passase a agulha enfiada por dentro da folha para virar ao direito. Põe-se então dentro um arame muito fino e amarra-se junto a flor.



inverno. Aqui desabrocham as glycínias em cachos, afestando os troncos esbeltos das palmeiras, engrinaldando as arvores dos jardins, cingindo num amplexo zmoreno as cantoneiras das casas e espreitando pelas janelas como hospedes bem-vindos. Lá, colhem-se nas videiras os racimos maduros, as folhas congestionadas, rubras, apoplecticas, esgrouvinham-se nas hastes, redemoinham nos pares e cahem no chão como coisas secas, hirtas, mortas. Aqui florescem violetas e lilazes num alvoroço de berços e noivados; lá os chrysantemos e as dhalias vicejam nos canteiros para as braçadas a espalhar sobre as campas mortuarias.

O scenario, porém, é o mesmo, com significação diversa talvez porque no apparecimento da vida, se dor existe no animal ou na planta, é uma dor bem dita com afagos de esperança, e na agonia, o soffrimento não tem lenitivo nem expansões de luz. Aqui

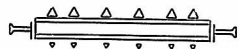
o sol clareia e aquece num brazeiro, impulsionando a seiva em plethoras fecundas. Lá, é o calor duraço do calor da tocha em lucilações melancolicas, rareando a treva das neblinas outomnicas, nas tardes ensanguentadas e frias. Entre nós principia a algazarra dos passaros, o zumbido dos insectos, o adejar polychromo das borboletas acordadas nas chrysálidas hybernæas, a faina das abelhas e o trabalho dos ninhos; lá, ouvem-se os ultimos pipilos das aves com saudades da folhagem dos bosques e passam, como sombras, as rebodas das andorinhas, á procura de climas distantes.

Mas na vida ou na morte, no outomno ou na primavera, no estio ou no inverno está sempre o mundo em flor, ha glycínias e rosas, lilazes e cravos, jasmíns e violetas; ha hymnos em toda a parte, latejos de esperanças em todos os séres, continuas harmonias em toda a natureza. Os extremos tocam-se como saldaes da mesma eterna cadeia. Unas flores nascem quando outras morrem. Uns desaparecem quando outros se levantam. A terra está sempre inundada de sol em qualquer ponto. Aqui é dia, acolá é noite. Nas almas emballadas no sonho da existencia, jovens ou cansadas de velhice, florescem eternamente, numa primavera infanda, suaves esperanças, ideaes de amor, aneios de ventura...

S. Paulo, 22 de Setembro de 1916.

(Para a REVISTA FEMININA)

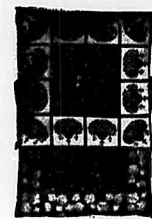
J. Machado.



Brevemente estarei em idade de me casar

Sim, é verdade, responderá sem corar toda moça alusada que pretende mudar de posição social. As difficuldades da vida porém são tantas que certamente meus pais vão se desgostar por não poderem dar-me um bom enxoval e um pequeno dote para a constituição de meu novo lar. Como hei de fazer para não ficar em tal aborrecimento? É simples: cortal este annuncio e hoje mesmo envia-o com um selo de 100 réis para a resposta a EVER CAVALCANTI, caixa postal, 208, S. Paulo, para que elle vos informe do modo simples pelo qual podereis, com mui pequeno e insignificante sacrificio vos livrar de tal aperto.

Minha casa no verão



Almofada vista dos dois lados



Nesta sala a inpoçarin e as almofadas são de tons claros e harmonicos



Forros de pratos



Forros de pratos

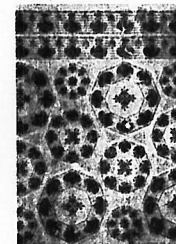


Detalhe de uma tapeçaria em cretone

nas, como se vê da amostra, que figura na parte opposta da pagina, com cores harmonicas. As almofadas são feitas de dois cretones, ficando assim com duas vistas, uma anterior, outra posterior. Ha cinco cores diferentes e novas de cretone, sendo preferidas para as salas de jantar as variedades cor de terra-cotta, para as salas de visita o azul claro e o rosa fantasia e para os halls, o verde-claro e o cor de palha, que muito se harmonizam com o mobiliario de vime.



Um canto fresco e convidativo numa sala de verão



A fazenda para forros de pratos compra-se já prompta nos metros.



Mobiliario moderno, de verão, para sala de jantar



Uma outra sala de verão. Cortinas, motivo japoez.



Modelo combinado de sala de jantar e de receber, muito pratico para casas pequenas

A MODA

A moda começa a sorrir com algumas superfluidades brilhantes, desde que a resistência heroica de Verdun, marcou pelo menos, assim se cre, o primeiro passo do «começo do fim». O que está acima escripto, não é meu. Eu faço por entender de gazes, de valenciannas, de velludos, de sedas, de fitas e de multipla e variada «fanfreluchada», com que ha alguns seculos, nós mulhe-

res, fazemos dansar ao animal mais idiota que existe sobre a terra, que é na minha modesta opinião de senhora honesta, um que já teve bigodes, usa às vezes oculos e anda de dois pés, e cujo nome começa por H. E' do Fifi, do enamorado pigarrento Epiphany, que depois de uma ausencia que se justifica pelo estado em que elle ficou na festa anniversaria de nossa directora, voltou a visitar-me. Eu procurei recebê-lo o mais affectuosamente possível, para lhe evitar o acanhamento natural, depois do que houve. Trazia na mão um ramo de violetas. São flores muito aconselháveis a namorados pobres, porque duram tres dias e compram-se amanhecidas, por metade do preço. E são roxas: — dão idea de olheiras de olhos que choraram. E para refrescá-lhes o perfume e compensar o abatimento no preço, bastam duas gotas de essencia de violeta, nas hastes: — é uma essencia de preço modico, que em casa de qualquer amigo se obtém de graça. Quando cheguei à sala, Fifi extendeu-me o ramo, sem uma palavra. Tinha o olhar baixo. Ao ouvir-me saudar alegremente, como eu fiz, ganhou coragem o olhinho. Foi o momento critico. Reappareceu-me ao espirito a figura de Fifi, do Fifi do anniversario de nossa directora, debruçado sobre o *chouffeur*, quasi a beijal-o enternecido, enquanto suas mãos trabalhavam para arrancar a bandeirinha do taxi, a exclamar baboso: — «Esta é a bandeira de uma nova patria... de uma patria que não andará á hora... que se regulará pelo taxi do patriotismo... com os quarenta cavallos do progresso... e a gazolina da raça...» «Ah, o Fifi estava sublimado! Gaforinha aos ares, voz ribombante, os punhos a esfusiarem pelos dedos, as ondas da alma a espumarem pelos labios, indifferente aos apodos da turba, do alto daquelle taxi, era indubitavel que elle crescera ás alturas dos grandes apostolos ou dos grandes descobridores... dos que descobriam, por exemplo, que o alcool pôde substituir com vantagem a gazolina!

Lembrando-me de tudo isso ri-me e ri-me ruidosamente. Ri-me vermelho, como se diz agora. Fifi riu-se tambem, mas riu-se amarello. E acabamos, um e outro, por misturarmos nosso riso. Do vermelho e do amarello nasceu uma combinação de tons neutros, que permitiu a Fifi sentar-se, mais á vontade e a mim, per-

guntar-lhe qualquer coisa banal, dessas que distrahem um assumpto incommode e que habitualmente são a saúde do cachorrinho, ou a crise de creadas, conforme o sexo do interlocutor. Para o sexo de Fifi seria a saúde do cachorrinho, mas Fifi não tem cachorro e não chegou a idade critica das creadas, porque ainda está a espera que eu lhe conceda minha mão, modo educado de pedir o resto. Falamos então sobre modas. Não ha coisa mais interessante para cacetear um homem e para afastar um maçador. Foi então que Fifi emittiu a opinião que serviu de primeira linha á esta palestrinha. Para Fifi, a mudança, que se está operando na moda,

não vem, como antigamente de Paris: — vem de Verdun. Não são mais os costureiros da rua de la Paix, por signal que quasi todos allemães, os que regem a moda. São os artilheiros de Verdun os que neste momento determinam a forma das saias das senhoras ou o modo de ajustar os canhões dos borzequins.

E Fifi, perorando, affirmou que de ora em diante serão os soldados que ditarão regras ás elegantes de todo o mundo. Elles é que lhes dirão quando poderão usar as cores claras, quando lhes será permitido usar saias ainda mais curtas e decotes ainda mais abertos, e flores mais vivas e perfumes mais activos. E quando lhes será permitido arvorarem risos mais livres e alegrias mais francas. Do tiro do canhão dependerá de ora avante a composição do arsenal feminino! concluiu hyperbolico como sempre, o inaudito Fifi.

No começo da guerra, effectivamente, as preocupações e as incertezas que marcam os primeiros dias de qualquer terremoto, fizeram com que toda a gente se retrahisse, diminuísse as despesas e tomasse precauções explicaveis, para um período de soffrimento, cuja extensão ninguém podia prever. Veiu depois o luto, a *toilette* severa. Agora, com a nova feição que a guerra tomou começam já a apparecer cores mais claras e certas superfluidades que se explicam pela confiança que a todos os espiritos ganha, do proximo fim da guerra.

E as primeiras flores de fitas, os primeiros falbalas, os primeiros passamanes, as primeiras malines e bruxellas de preço, a floritura dos primeiros detalhes de riso e de luxo, são como que os primeiros passaros brancos que sobre o campo desolado da guerra, vêm trazer o prenuncio da paz. Assim seja!... Realizam-se as previsões de Fifi... Abram-se de novo os mares... Dê-mos de novo Longchamps... E livrem-nos assim de todos os Fifi, que por falta de melhor, vão as nossas elegantes aturando nesta epoca de crise!

A grande moda para verão será o organdy em todas as cores. Os vestidos deste tecido são de uma graça encantadora. Vão se usar muito tambem as *toilettes* em batista, zephir, tussor e linho. As cores preferidas, além do rosa, cuja grande voga já predissemos, serão o bege, avelã, violeta e roxo. Para os ves-



Vestido de organdy branco com tiras da mesma fazenda em azul claro — Modelo da casa LA SAISON.

tidos de linho devem preferir-se as pregas pspontadas, muito engomadas e muito assentes, combinadas com panos lisos ou então as saias feitas de tres folhos em forma, guarnecidas á beira com um galão ou uma fita. As vestes serão sem mangas e bastante cavadas debaixo do braço; as frentes apertadas com um unico botão, deixarão vêr a blusa de baixo em musselina ou em cambrá que apparece igualmente debaixo do braço e nas mangas. Sobre as *toilettes* leves a musselina mistura-se em forma de largos entremeios bordados; já as nossas avós apreciavam a musselina mas não tinham chegado ao refinamento de hoje.

Muitas pessoas pensam que a gola alta será a grande moda. Podemos afixar e garantir que só usarão estas golas aquellas que querem ser demasiadamente escrupulosas no usar o decote. E' um contrasenso nos dias quentes que vão entrar o uso das golas altas tão insuportaveis com suas barbatanas! Os ultimos modelos são todos decotados de maneira a podermos suportar os terribles dias de calor.

A moda actual é de uma forma atrahente por sua originalidade e beleza. Todo o exagero que sempre apparece é pelo desejo que tem certas pessoas de se tornarem notadas pela excentricidade de suas *toilettes*. Os vestidos assim confeccionados são em geral feitos por modistas que não comprehendem os figurinos e portanto não sabem copiar-los. E' muito mais facil exagerar que fazer um vestido que, sendo simples seja elegante. São muito poucas as officinas que sabem confeccionar um vestido com todas suas regras. Depende do corte para que as saias fiquem com a roda necessaria e com esse ton *chic* que tanto apreciamos sem ter necessidade de barbatanas para fazer a grande roda.

Vimos diversos modelos em lan azul marinho, a saia plissada em pregas direitas e uma jaqueta do mesmo tecido bordado com seda branca; vestido em tulle bordado de cores em seda, perolas prateadas e douradas. Entre estes sobresahia um lindo modelo em seda ouro velho, coberto de filó de seda, preto, entremecido com lindos ramos de flores em prata velha, sendo o fundo lilas muito pallido. A saia em forma, com dous volantes de tulle e o corpinho traspassado com meias mangas, porém bufantes; na cintura uma rosa vermelha.

Actualmente usam-se fitas de riscas bastante largas para formarem, com a ligação de mais duas ou quatro, uma altura sufficiente para a confecção duma saia. As fitas n. 100 figuram cintos, écharpes com longas pontas franzidas; este arranjo das écharpes atados não é muito inedito, mas é provavel que tornemos a vê-lo com melhores olhos do que n'outro tempo, visto que as apresentamos como novidade. Fazem-se correntemente em preto sobre os tecidos escuros e em verde esmeralda quando se trata d'uma *toilette* clara e de maior distincção.

As fitas de biquinhos fazem sobre os vestidos de voile, de cambrá, de gaze, d'étamine, uma deliciosa e juvenil guarnição. A fita, geralmente da mesma cor do

vestido, é cercada por um picot encaracolado em seda de cores mescladas cinzento e cereja, preto e azul velho, rosa e verde, azul e branco, etc., e usa-se na saia, nas mangas, na gola, etc.

Muitas vezes tambem a fita foge ás escondidas no tecido, passando e tornando a passar em largos ilthosse jalhados na saia ou no corpo.

Nos vestidos de zephir ou de linho cor de rosa tambem se emprega muito o atacado em seim preto ou em veludo preto e o effecto obtido é tal como se deseja.

Ao mesmo tempo que revive a voga do vestido claro e alegre, ressuscitam o chapéu campesino e a capeline, cujas abas largas não parecem nada desproporcionadas com a amplidão das nossas saias. E ainda ahi, encontramos n'essa forma o casamento de certas capelines usadas pelas pastoras do Trianon e pelas elegantes do Segundo Imperio.

As palhas são finas, molles, cor de trigo ou rosa. Muitas vezes, como a palha é cara e rara, substitui-mo-la por capelines franzidas em tulle, cambrá, musselina ou batista, com guirlandas de rosas em volta da copa. Estes chapéus são d'uma frescura deliciosa. Junta-se-lhes por vezes umas fitas para atar em tulle cor de rosa ou fino velludo preto, que adornam o decote e cortam a linha demasiado vasta do pescoço.

As sombrinhas são simples, sem enfeites exagerados, froufrous nem bordados, fazem-se em talletã, com tiras franzidas como as nossas saias. A maior parte das vezes a borda é guarnecida com um «ruche» — um folho deslaido ou uma tira de talletã pekín.

Os tons de furta cores, o bronzeado, o violeta e o cor de rosa são os preferidos. Os cabos fazem-se notar pela sua rustica simplicidade e não tem nada de fino nem de complicado; é uma vara solida, direita, tão grossa em baixo como em cima.

Os mais simples fazem-se em madeira; os mais elegantes em chibre de rhinoceronte ou em tartaruga; uma correia de couro preza ao cabo permite segurar-a no punho.

Estas sombrinhas-bengalas são indispensaveis para sustentar a incerteza do nosso passo, pois os nossos sapatinhos com salto alto, dão-nos uma posição muito incerta. São muito bonitos esses sapatos á Carlos IX, bronzeados que deixam o tornozello, á vontade para descobrir a meia de tão fina seda; mas como são incommodos!

Como proceder de outro modo com as indiscreções da saia curta? Esta ultima acarreta-nos complicação, sobre complicação; escolha no calçado, nas saias de baixo, e o que é ainda mais, preocupação constante da elegancia do nosso andar e da graça agi nos nossos pés que devem ser pequenos e curvados!... se tanto for possível.

Marinette.



Vestido de organdy, cor de rosa, bordado em branco. O cinto de talletã preto. Modelo da casa LA SAISON.

AGUA DE COLONIA DIVINA
E' A MEHOR, aroma magnifico

DEPOSITARIOS
CASA LEBRE

RUA DIREITA, N. 2
— SÃO PAULO —

TRABALHOS FEMININOS



Mesa com bolsa para trabalho

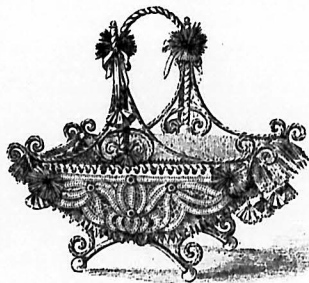
Esta mesa é feita em madeira pintada de vermelho escuro, tendo 70 cent. de altura, e guardada entre os quatro pés por uma bolsa para trabalho, em seda ou crepe da Índia, estampada em seda e ouro; os pés são reunidos a princípio a uma altura de 20 cent. ao meio de um círculo de madeira. Corta-se para fazer a bolsa um pedaço de pano redondo, tendo 60 cent. de diâmetro, franje-se em volta e cose-se no círculo; franje-se a parte inferior da bolsa que se guarnece com um pedaço de fita semelhante ao estofado e fita chamalote. Os pés da mesa são igualmente ornados de laços de fita. O tapete que cobre a mesa é feito em filão verde e ornado de um bordado executado com seda de cores vivas a ponto de haste e ponto de costura cruzada. Faz-se o desenho em um pedaço de baptista, tendo 33 cent. de lado e a 4 cent. de distância da beira exterior; execute-se o bordado com diversas cores de seda, conforme o desenho; a ramagem é feita a ponto de haste sempre da mesma cor das folhas. Confecciona-se o desenho com seda terra com muito escuro. Depois dobra-se o pano pela avesso passando até a beira interior do bordado executando uma costura.



Cesta para roupas ornada de bordados

As frentes da cesta e a cobertura plissada guarnecidas de pano oliva são ornadas de bordado, circundada por laço verde com 20 cent. de altura, 20 cent. de largura na beira inferior e 30 cent. na beira superior; ornase pelos tres lados com guarnições estreitas em pano, e se guarnecem nos lados com rosas e bolotas. O bordado é executado com lãs e sedas de diversas cores. A cobertura é executada sobre um quadrado de estame creze que executar o bordado é feito a ponto de cruz, e o ponto de fantasia que se encontra no canto são feitos somente a ponto de cruz, e os pontos de fantasia que se encontram entre os pontos de cruz com lãs amarelas. Para o bordado da frente se reúne um pedaço de fazenda verde, tendo 21 cent. de altura na beira inferior com uma tira de fazenda clara-escuro, tendo 11 cent. de largura; e reunem-se no meio da frente inferior, formando

do rosar. Os cantos hindo uma sobre as são ornados com rosas e bolotas, tendo 6 cent. de largura de diversas cores e guarnição de bolotas em forma de sino, com 5 tiras, e



Cesta guarnecida com renda Renascença

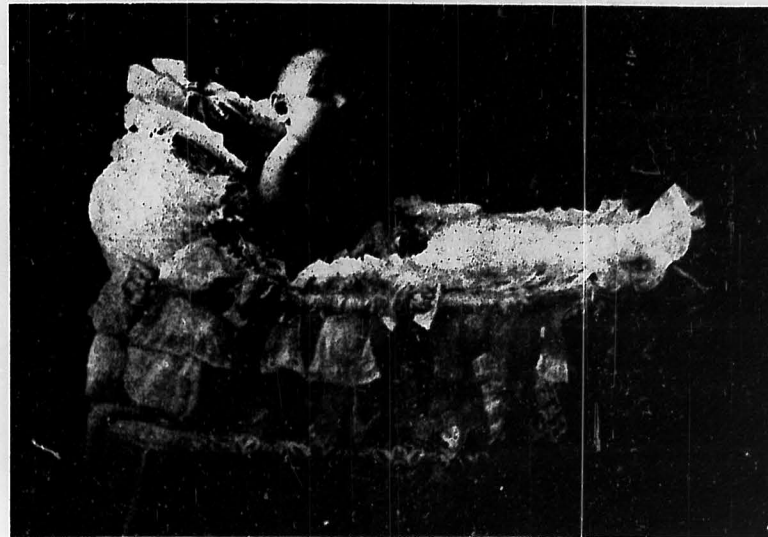
Esta cesta de vime tem 28 cent. de comprimento e é ornada com dois pedregos de renda renascença a renda é executada com laços crezes e torçul de seda da mesma cor; misturando com seda verde, cose-se sobre os lados mais compridos que são recobertos anteriormente com pano verde plissado. Fixase na beira superior da guarnição um galão recortado em pano creme, e cose-se de cada lado uma rosa em seda verde plissada. Recobre-se a interior da cesta sobre os lados maiores com um pedaço de pano verde alã recortado, e no meio com uma tira semelhante, tendo 12 cent. de largura por 40 cent. de comprimento, cortados sobre os lados transversos de comprimento, as pontas excedentes são ornadas de um laço em seda plissada, tendo 7 cent. de largura, da qual a parte superior é coberta por uma tira de pano creme recortado e enfiado. A certa é ornada de bolotas em pano creme, oliva e bronze, rosas de seda e nós em tiras de fazenda creme.



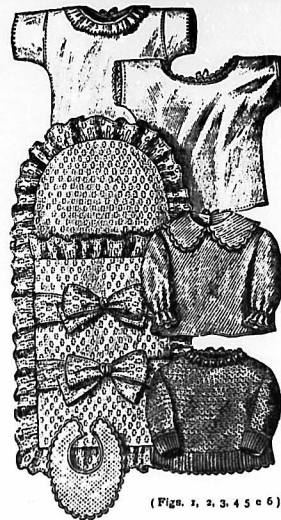
Pôrta Lençóis

Este modelo é pintado sobre setim rosa, com desenhos a lã XV. Para a parte inferior do zachei tem-se um pedaço de setim branco, tendo 21 cent. de largura, 48 de comprimento, o qual se forna com uma flanela dobrada; a metade superior se compõe de qual se põe um pedaço de pano semelhante, porém um pouco maior, franja nos cantos, guarnecendo com um grosso cordão de seda branca; fixe-se em seguida nos cantos o setim, tendo 18 cent. quadrado, ornado com gaze dobrada; reunem-se as duas metades do zachei nos dois lados, encostando no meio. Nos lados alã e rita, fitas estreitas rosa, que se rem para formar o zachei, e se cose nos lados fechando fitas creme.

Enxoval para Bebê



Trocena beca para bebê enfeitada com folhas de seda, laços de fita e flores. Pode ser feita em qualquer cor segundo o gosto da mãe e a gosto de quem a confecciona.



(Fig. 1, 2, 3, 4, 5 e 6)

A figura 1 ensina a fazer uma camisinha festonada nas mangas e no folho da gola, a manga é pregada com ponto à jour.

A figura 2 mostra uma camisa cuja manga e talho ao mesmo tempo que o corpo pode ser enfeitada com renda estreita ou bordado.

Um paletosinho de flanela branca festonado com seda de cor; nas mangas passado um cordão da cor do festão para ajustar no braço do bebê é o que representa a figura 3.

A figura 4 mostra um lindo paletot feito de crochet de lã, cujas mangas terminam em um punho duplo.

Um babadão em fustão branco festonado representa a figura 5.

Um berço portátil muito pratico em fustão branco, circundado de umtôlho com bainha à jour. Duas tiras de fustão com bainha à jour formam laços.

Com o modelo 6 faz-se um paletot de flanela rosa claro bordado a ponto de espinha. E' abotoado na frente, e não tem forro.

Figura 7 Cueiro corpinho. Faz-se aberto nas costas ligeiramente forrado; o corpo não tem mangas.



(Fig. 7 e 8)

A touca figura 8 é talhada em duas peças e atada com fitas da mesma cor. E' bordada com ponto espinha como o paletot.

QUEM DIRIA!...

Por Julia Lopes d'Almeida.

"QUEM diria... por causa de um alfinete! realmente, em amor não há frivolidades, tudo é sério. No amor... como na natureza; não vemos, tantas vezes, brotarem arvôres frondosas de rementinhas que são como finos grãos de areia quasi imponderáveis? Uma criança sopra um punhado d'essa poeirinha loura e ella, caindo por acaso em terreno propício, fôrma uma floresta tenebrosa de altas madeiras resistentes... Se eu estivesse refletindo em voz alta estas coisas, meu marido interromperia a leitura, que lhe está franzindo a testa, para afirmar-me que o amor não é como a natureza, porque é a propria natureza creadora, destruidora, onipotente. Eu lhe responderia logo que esse é o amor selvagem; o dos homens civilizados deve compartilhar da natureza e da arte, como esses parques em que recendem rozas, se aveludam gramados, e resvalam cisnes em lagos transparentes. Se o amor fosse unicamente natureza, o homem seria animal unicamente.

Mas, Deus me livre que elle me ouvisse, porque então rolaria logo sobre mim uma avalanche de conceitos smagadores e não contente com as suas demonstrações irresponsáveis, porque elle não admite que eu professe theorias diferentes das suas, ainda me obrigaria a lêr (que horror!) passagens de certos livros filozoficos e com os quês me importo tanto como a transformação das religiões ou com a passagem de um astro pelo meridiano da China! Pois sim! Se o amor fosse só natureza, não sei o que seria dessa historia de fidelidade conjugal, porque se é verdade que no reino dos animais inferiores, aves e bestas se acazalam para a constancia de um só amor é porque elles nem têm imaginação, nem uzam alfinetes, como nós! Sempre quereria saber se uma loiba seria capaz de aturar do seu lobo as implicancias que hontem sofri daquelle senhor! E' inacreditavel! Vestimo-nos no mesmo quarto. Elle assiste calado, ou falando em fatos indifferentes, á minha toilette. Vê como me penteio; como me perfumo; como distribuo o pó de arroz pelo rosto e pelo colo; como abotoo o meu vestido e ponho na cabeça o meu chapéu, entretanto, não me faz nem a mais insignificante observação a respeito de qualquer dessas coisas, para só começar a censurá-las quando já está fora de casa. Então já se sabe, lá vem a moedeira das perguntas: — se não tenho uma criada que me acolchete os corpinhos; — porque será que o meu vên está mais repuxado da esquerda que da direita; se não

tive espelho para vêr o kilo de pó de arroz acumulado entre as sobranças; — porque teimo em uzar um penteado tão exagerado! Hontem chego a dizer, para fazer espirito, que a minha cabeleira era tal qual a de um cometa em que se tivesse enroldilhado o mundo! Enfim, tudo isso eu lhe perdoaria se não fosse a embriração com o pobre do alfineteinho que elle me descobriu, não sei como, na gola do vestido! Já se sabe, a proposito veio logo a cantiga:

— Se eu fosse mulher era objecto que não purha em cima do meu corpo! Alfinete é desmazelo. Alfinete é desleixo. Alfinete é dezalinho, e é descuido, e é negligencia! Dizen-do a mesma coisa por diferentes palavras, elle vai envenenando o prazér que por ventura eu possa sentir no meu passcio. Afinal, não sou de pe-u, tenho nervos, sensibilidade. De



Emma, Suora, Leonidia Pratto, esposa do Sr. João Baptista de Miranda Pratto, presidente em Juiz de Fora. Pratto é uma das nossas mais dedicadas cooperadoras e em Juiz de Fora está propagando com regularidade entusiasmada nossa querida Revista.

mais a mais elle caluniava o alfinete, recurso dos alfitos, providencia de rasgões inesperados, protetor do recato e do pudor! Quantas vezes em um baile um alfinete reúne duas pontas de renda sobre um seio indiscretamente desnudado, ou em uma noite de ventania prende um chale rebelde, obrigando-o a agazalhar um busto carecido de defeza! Quantas vezes na sua vida modesta os pobres alfinetes, que elle abomina, terão evitado a vergonha e a morte de muita gente. Ah! será preciso ser-se mulher, para se compreender a alma das coisas humildes e serviços? Ainda assim não foi a injustiça para com os alfinetes nem a implicancia com a minha toilette, que hontem me acendeu na alma a vontade de me divorciar... mas aquelle gesto inexplicavel... esquisito... surpreendente, com que elle vindo a Barbozinha queixar-se de não ter um alfinete para prender uma flor

ao peito, me poz a mão no pescoco, dizendo, sem me dar tempo para nada:

— Minha mulher tem aqui um inutil... E antes que eu protestasse, susurrou-me ao ouvido: — ainda bem que te posso livrar desta indecencia!

Calei-me para não armar um escandalo. Estou convencida de que se não fosse a prudencia das mulheres o casamento seria uma fonte abundantissima de escandalos. Por cauza disso, que noite passei! E que peza-deles, que chuva de alfinetes sobre o meu coração, e que multiplicação de Barbozinhas diante dos meus olhos!

Isto é vida?! Afinal não sou uma criança... não necessario que me eduquem por meios brutais.

Elle foi tão deassissando naquelle ato como é quando responde, todas as vezes que me queixo, com outra queixa identica ou peor!

Se lhe digo que tenho uma dor-zinha reumatica em um artelho, elle, em vez de se interessar piedosamente pelo meu sofrimento, afiança que tambem não anda bom, com uma pontada no peito, ou com uma unha encravada em um pé.

Julgará que sou uma doente imaginaria e inventará os seus achaques para curar-me da mania dos meus, ou a sua vaidade será tanta que até na variedade e quantidade de doenças, queira ser superior a mim?

Tudo é possível. Ha muito quem inche as bochechas para dizer:

— Eu já tive febre amarela!

Ou:

— Eu já tive bexigas!

Como se dissesse:

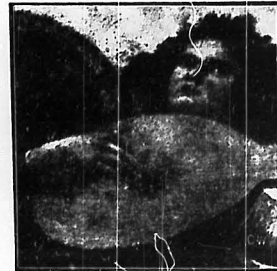
— Eu já descobri o meio de aproveitar a força motriz das correntes maritimas!

Ou:

— Eu descobri a natureza e os costumes dos habitantes de Marte!

Será o orgulho da sua rezistencia física, ou a gloria de ter encarado de perto a morte e de tê-la vencido, que faça tanta gente contar como façanhas dignas de nota coisas que não passam afinal de accidentes occorridos a contragosto na sua vida?

As proprias crianças manifestam a mesma especie de vaidade quando ostentam as cicatrizes deixadas no seu corpo por certas diabruras reclamadoras de palmadas, como se fossem provas de coragem merecedoras de admiração!... Desta culpa está livre a minha memoria e a minha pele. Cicatrizes só as tenho no coração, e a mais dolorida pareceria tão insignificante a olhos estranhos, que a esconderei para sempre de toda a gente incapaz de comprehender que a offensa feita pela ponta de um alfinete seja ás vezes mais offensiva que a produzida pela ponta de um sabre — porque é ridicula.

JARDIM
DOS
POETAS

Saude

Nº Cyro Costa.

*Flôr lacrymosa, mystica saudade,
Que da melancolia o olôr derramas
Pela minha alma, que da mágoa as gammas
Traduz com fria e austera magestade:*

*Bemdita sejas tu, que a claridade
Evocas, de um perpétuo poente em chammas,
E do passado o espirito proclamas
Entre hymnos de ventura e de piedade.*

*Bemdita sejas tu, saudade santa,
Augusta evocação do claro dia
Em que, á distancia, o sonho alado canta!*

*Saudade! Incerto bem de incerto fado:
— O' corê de espinhos da alegria!
— O' furtivo luar do desgraçado!*

Leoncio Correia.

RUINAS

Nº Francisca Julia da Silva.

Já de ha muito que a minha habitação lacustre,
Erguendo-se, risonha, entre juncacs, ameaça
Ruinas, sem que, entretanto, — ô florido balaustre
Haja por bem destruir-lhe a putrida carcassa...

Vencido pelo Ideal, sem nome ou feito illustre,
Quero, neste marnel, com a sordida desgraça,
Entregar o meu corpo ao duende da palastre,
Tal reprobo infeliz de uma maldicta raça!

De parede a parede, o verde musgo medra...
De pilastra a pilastra, a avenca se apendôa,
E a hera sorri tãful, colicante, pedra a pedra...

Só, porque soffra só, sentindo sobre os hombros
A miseria, bem é que, ao envez de andar á toa,
O escombro desta vida entregue a taes escombros...

S. Paulo, 1916

CYRO COSTA

Dois casamentos ricos



"...Amélia neste caso, só o meu dinheiro inspiraria o amor..."

TRINTA ANOS, bello rapaz, optima saude e cem mil francos de renda com esta carta na mão, o Sr. Sergio de Barrecourt, o heroe desta historia, não se julgava satisfeito da vida e, confessemos logo, mostrava-se com isto verdadeiramente difficil.

Quantos homens nas suas condições, podendo satisfazer todas as suas phantasias, teriam proclamado a sua alegria aos quatro ventos! Cem mil francos de renda; poder, parando de frente de qualquer joalheiro, oferecer-se a joia que desejasse. Estar em condições de não tomar o primeiro carro que passe, ao menor signal de cansaço, mas poder possuir uma bella equipagem! Não sentir os aborrecimentos que são consequências da vida. Habitar os mais elegantes bairros de Paris. Sentir-se objecto das mais captivantes solicições da parte de todas as mães que tenham filhas para casar. Oh! sim, Jorge de Barrecourt devia sentir-se feliz.

Seus companheiros, naturalmente, invejavam-no, admirando-se de que com tantos elementos de felicidade, andasse sempre com um ar tão funebre.

— Mas vejamos, meu caro, diz-lhe seu amigo Jacques Bertot, acompanhando-o em um passeio matutino pelo Bosque de Boulogne. Explica-me um pouco o teu estado d'alma.

— O meu estado d'alma?

— Sim. Diz-me porque, dotado pela natureza de todos os bens que podem tornar feliz a vida de um ho-

mem, estás sempre com uma physiognomia tão lugubre? Que pena que não tenha aqui um espelho para que te possas ver neste momento. Asseguro-te que, se passasse alguém e não te conhecesse, pensaria, no minimo, que tinhas perdido algum ente extremamente caro.

Jorge não ponde deixar de sorrir, mas mesmo nesse sorriso conservava uma especie de tristeza persistente, e respondeu:

— E' verdade, meu amigo, não sou alegre. Que queres? Não se tem sempre, tudo que se deseja.

E acrescentou:

— E é uma fortuna, de resto, porque senão seria uma injustiça.

Jacques Bertot não comprehendia bem:

— Explica-te melhor; não comprehendo.

E como Jorge não respondia, continuou:

— E' curioso! Aqui está um rapaz para quem tudo parece sorrir, que basta o menor gesto para que se realizem todos os seus desejos e, entretanto não está satisfeito. Então, que devo dizer eu, que trabalho o dia inteiro para ganhar o meu pobre pão? Julga tu. Daqui a um instante, estarei eu, mettido no meu pequeno escriptorio, a arrumar cifras durante todo o dia e da minha janella contemplarei este lindo céu, com um desejo feroz de sair a passeio, enquanto tu, livre como o ar, poderás percorrer o

Bosque ou passear tranquillamente pelos boulevards.

— Ah! quizesse Deus que eu tivesse, como tu, uma obrigação a cumprir. E' esta a reflexão que faço sempre... «não tenho um trabalho que me prenda e me preocupe? Não me aborreceria, talvez».

Destá vez Jacques soltou uma grande gargalhada.

— Se é só isto, nada mais facil de satisfazer. Tome o meu lugar no meu escriptorio e deixa-me ficar no teu, cá fóra. Basta apenas que me deixes o meu modesto ordenado, desde que não precisas d'elle.

Jorge sacudiu os hombros.

— Para se interessar por aquelle trabalho, é preciso ter realmente necessidade do dinheiro que elle produz. Para mim, é este o inconveniente da fortuna, o trabalho não tem a mesma significação que tem para os outros. O meu não seria senão um simulacro de trabalho. Que necessidade teria eu de agradecer meus chefes para conseguir um augmento de ordenado?

— Então diverte-te... E' tudo quanto um homem na tua posição tem de melhor a fazer.

— Divertir-me. Mas ahí está a infelicidade: sob o pretexto de que me deixavam rico, meus paes não se preocuparam em deixar-me mais nada. Não ser senão um dilettante sem talento. Não, não me agrada cercar-me de tanto ridiculo. Quasi estudei,

mas apenas fiquei sabendo, de cór, a fabula do corvo e da raposa. Fazer a figura do corvo? Obrigado.

— Casa-te então. Se eu estivesse nas tuas condições, é o que teria feito. Filha de príncipes ou de milhonarios, podes escolher onde quizeres.

— Grande ingenuo! Ainda neste caso só o meu dinheiro, inspiraria o amor. Pensas que para um homem rico, casar, é mais facil do que para qualquer outro? Dez vezes pensei em casar; a desillusão não se fez esperar muito tempo. Mas sempre a mesma certeza; era o meu dinheiro que seduzia. Acabei de vez com os projectos de casamento.

— Se é assim, não sei mesmo o que te possa aconselhar, respondeu Jacques. A não ser que te dediques a obras de caridade. Ha gente que encontra ahí um bello passa tempo.

— Ora, meu caro amigo, é o que faço. Os pobres tem a sua parte na minha fortuna. Nem ahí. Demais pratico o bem por dever e não por prazer.

— Não encontro mais nada que te sirva.

— Concordas, portanto, que tenho razão e que a fortuna não dá felicidade.

— E' verdade... Mas é curioso. Se hontem me perguntassem: «Qual é o mais feliz dos homens?», eu teria respondido sem hesitar: «Jorge de Barrecourt». Como é facil a gente enganar-se.

Erão onze horas e os dois amigos tinham de separar-se.

— Vás ao teu escriptorio? perguntou Jorge.

— Sim.

— Queres jantar commigo hoje?

— Impossivel. Estou convidado por minha tia, que me espera com as duas filhas.

— Bellas?

— Principalmente uma... Amélia. Só com o pronunciar este nome, o rosto de Jacques animara-se e Jorge sorriu.

— Ah! estás apaixonado pela prima?

— Um pouco.

— Quando é o casamento?

— Ah! Não sei. Compreendes que para isso, preciso mudar de situação. Não ha de ser, decerto, com duzentos francos por mez...

— E ella te ama?

— Creio que sim.

— Porque nunca me fallaste nisso?

— O assumpto é tão delicado, quando não se é interrogado...

— E tu nunca me interrogaste...

Houve uma pausa. Depois Jorge continuou:

— Sabes... Se para apressar a cousa, precisares de alguns bilhetes de mil?... Sabes? Entre velhos camaradas...

Jacques apertou a mão do amigo.

— Agradeço-te sinceramente. E, uma prova de affecto.

— Accetas?

— Não, mais fiquei satisfeito com a tua offerta. Naturalmente se me visse ás voltas com a miséria, não

recusaria... Mas não é o caso agora. A minha posição, embora modesta, é segura; irá augmentando pouco a pouco. E, comprehendes, por amor proprio, prefiro não dever nada a ninguém. Alem disto, ainda que eu accellatasse a tua offerta, não melhoraria a minha situação. Metteu-se na cabeça de minha tia não casar Amélia antes de Thereza, que é mais velha. E como eu amo Amélia...

— E' preciso esperar. Então coragem. E como não é para esta noite, jantaremos juntos amanhã.

— Com todo o prazer.

— Estamos entendidos. Irei buscar-te ao escriptorio ás seis horas e de lá seguiremos para o restaurant.

Um ultimo aperto de mão e os dois amigos se separaram. Jacques seguiu para o centro de Paris, onde o esperavam as suas occupaões e Jorge partiu para a Avenida Hoche, onde morava.

II

Durante todo o dia Jacques Bertot pensou no amigo.

— Pobre rapaz! Se me tivesse dito que eu recusaria trocar a minha sorte pela sua, decerto, havia de rir.

Mas embora quizesse pensar no *spleen* do amigo, Jacques não podia deter-se nesse pensamento. Outras preoccupaões reclamavam o seu espirito.

Em primeiro lugar o trabalho do escriptorio, que reclamava toda a sua attenção, depois a perspectiva de jantar em casa da tia, para o que tinha sido convidado aquella noite. E juntado cifras e fazendo calculos, de instante a instante olhava para o relógio e achava que o tempo estava passando muito devagar.

Decerto, teria muito prazer de ver a tia, não ha duvida. Mas... Amélia. E alheando-se de tudo que o cercava, fechava os olhos para atirar-se a contemplação de uma imagem visível apenas para elle e tudo fazia crer que não era a figura respeitavel da tia que elle via nesses momentos.

— Amélia, murmurava elle. querida Amélia.

E Amélia assim invocada, não estava naturalmente em companhia da tia. Mas de repente, Jacques entristecia. Quanto tempo teria de esperar ainda, para realizar seu sonho? Quem podia saber? Extranha obstinação da tia. Porque quer que Thereza casasse antes de Amélia? Thereza, decerto, era bella e capaz de inspirar amor. Seria mesmo de uma belleza mais regular que a da irmã e varias vezes já tinha sido pedida em casamento. Mas era difficil de contentar, era exigente. Só aquelle anno, tinha recusado dois partidos excellentes. E se continuasse a recusar? Quando poderia casar Amélia? De repente, um raio de sol, uma palavra amavel do chefe, reconquistavam a antiga vivacidade. Enquanto Jacques Bertot passava por estas alternativas, Jorge de Barrecourt, não estava em menor actividade de espirito.

— Como invejo a sua felicidade! E' amado e ao menos, pode attribuir ao seu merito proprio, a inspiração desse sentimento. Enquanto eu...

E Jorge desolava-se.

III

No dia seguinte, como estava combinado, Jorge foi buscar o amigo no escriptorio para leve-lo a jantar num café da moda.

— Estás prompto?

— Sim... Em cinco minutos. O tempo de reler o meu trabalho. Estou ás tuas ordens. Imagina tu que, hontem em vez de ir jantar com minha tia, como estava decidido, recebi um recado pedindo que não fosse.

— Ah!

— Sim... Uma parente doente, que deviam ir visitar.

— E depois...

— Pediam-me que transferissem para hoje o convite.

— Muito bem... Mas quer isso dizer que hoje me abandonas.

Jacques protestou.

— Abandonar-te? Abandonar-te quando sei que neste momento tens tanta necessidade de distrações, e que te posso ser util para levantar o teu moral? Por isso, escrevi á minha tia dizendo que hoje não estava livre, porque ia jantar com um amigo.

Jorge sentiu-se commovido:

— Mas fizeste isto por minha causa? Renunciar a te encontrares com aquella que amas?

— Era meu dever. Mas espera antes de agradecer-me. Poucos momentos depois, novo bilhete de minha tia, que te vou ler:

«Meu caro Jacques.

Se é um amigo a quem com quem deves ir jantar, porque não o trazes contigo? Deste modo não te privarás de sua companhia, nem elle nos privará da tua. Foi Amélia quem encontrou esta solução e eu approvei-a logo. Se esse teu amigo é como tu, de genio simples, espero que accellatá o nosso convite improvisado e não se admirará da modestia do nosso jantar.

Tua tia Julia Langelot».

Jorge sorriu:

— A cousa veio a jeito. E' muito delicada tua tia.

— Neste caso acceitas?

— Com todo o prazer. Se outro encanto não tivesse, tem o do imprevisto que me agrada, pois são do vulgar desses jantares de etiqueta, de que já ando tão farto.

— Toma cuidado, millionario! E's capaz de te arreperdes no segundo prato. Nada de pratarias, de luxo, de etiquetas.

— Ah! Mas tu me tomas por um imbecil. E se tenho diante dos olhos rostos lindos e agradaveis... Vamos. E os dois amigos partiram.

IV

Quando se abriu a porta da sala, Amélia tomava um chá de chá. Thereza, que lhe dava um laço aos cordões dos sapatos, levantou os olhos para os recém-chegados.

— E' o Jacques! — disse Thereza. Amélia voltou-se e exclamou: — Jacques!

Pelo olhar com que ella olhou para o primo, Jorge não teve mais duvida sobre a natureza dos sentimentos que ella nutria por elle.

— E' linda disse em voz baixa ao amigo.

Jacques fez as apresentações.

— Jorge de Barécourt, meu amigo íntimo... A senhora Amélia Langlot, minha prima.

Passaram para a pequena sala, onde a tia os esperava e o acolhimento simples e cordial encantou Jorge.

— Deve-se ser feliz, aqui, pensou Jorge, sob este tecto baixo, entre estas quatro paredes estreitas e cercado de pessoas que se amam.

E mirou mais atentamente Thereza, a irmã mais velha.

— Linda como a outra, pensou Jorge. Jantar alegre, sem apparato, durante o qual se conversou com liberdade.

— Nenhuma affectação, nenhuma caricatura. Impossível não se sentir uma pessoa bem neste ambiente.

— Não pode imaginar, Sr. Jorge de Barécourt, como lhe agradeço de ter accedido com tanta franqueza, o meu convite. Além do prazer real de vê-lo à minha meza, estou certa de que meu sobrinho se sente satisfeito por não ter tido necessidade de escolher hoje entre o prazer e o dever.

E acrescentou: — O dever, eramos nós.

— Está convencida d'isto, minha senhora? respondeu o rapaz olhando discretamente para Amélia.

A velha senhora sorriu.

— Vejo que está a par dos nossos projectos futuros... embora ainda longe. De resto, não me admira, desde que o Sr. é amigo íntimo de Jacques; portanto, deve ser seu confidente. Também, era o que eu suppunha e que me encorajava a convidar-o: Um rapaz simples, de posição modesta, porque sem duvida, o Sr. é como Jacques. E' sempre bom evitar esses jantares em restaurantes. Come-se tão mal...

Jacques estava para replicar e declarar a sua tia a brilhante posição de Jorge; mas uma piscadela, por debaixo da meza, impediu-o de fallar, e Jorge respondeu immediatamente:

— De facto, minha senhora; e lhe sou duplamente reconhecido.

— E qual é a sua profissão, meu caro Sr., se não é indiscreta a minha pergunta?

— Meus paes me deixaram uma pequena renda.

— E não faz nada? Não deve ser assim. Um rapaz da sua idade, deve ter sempre uma occupação. Deve ser um aborrecimento, não ter nada que fazer.

— De facto, é isto mesmo, pensava Jorge.

Depois de jantar voltaram à sala de visitas.

E foi preciso que o relógio batesses as doze pancadas da meia noite, para que Jorge se lembrasse de que era tarde.

Apenas fora, Jacques indagou: — Como a achaste?

— Deliciosa! Linda! Adorável. A mulher sonhada.

— Não é verdade? Tenho então razão de querer desposar-a...

— Que querias mais?

— Amélia, não é.

— Mas eu estou fallando de Thereza.

Esanto de Jacques.

— Como?

— Penso que estou em caminho de apaixonar-me, simplesmente...

Haviam chegado ao boulevard, e os transeuntes, apesar da hora tardia, ainda eram numerosos. Isto, entretanto, não impediu que Jorge saltasse ao pescoço do amigo.

— Ah! meu caro, como me fazes feliz.

— Porquê?

— Mas comprehende... se casas com Thereza, ei-a casada.

— Perfeitamente... E ousa ainda acrescentar que o Sr. de la Palisse, não diria nada melhor.

— E uma vez Thereza casada, minha tia, não tem mais motivo para oppor-se ao meu casamento com Amélia.

— Ah! Percebo, egoista... Não ha senão um obstáculo: fazer-me servir aos teus projectos.

— E' um um sonho, tudo isto... Mas como é que um rapaz rico como és, podia pensar... Thereza não tem quasi dote.

— Isto é comigo. Somente exijo desde este momento, um juramento da tua amizade.

Qual?

— Aquellas senhoras não sabem qual seja a minha posição. Pois bem: Tu vás jurar-me que nada lhes dirás a este respeito.

— Só isto? Com todo o prazer.

— E quanto ao resto... Deixa por minha conta.

V

— Mas, meu caro Sr. Jorge, asseguro-lhe que também eu sinto pelo senhor uma grande sympathia e não me negarei em ser sua esposa.

Mas, pense um pouco, mamãe, não consentiria nunca, Sem occupação e com mil e oitocentos francos de renda. Ainda se eu fosse rica...

— Deverás, senhorita Thereza? A senhora rica e eu pobre, como sou, casaria comigo?

Thereza olhava-o commovida: — Então...

— Ah! Thereza...

E cahindo aos pés da Sra. Langlot, que entrava em companhia de Jacques e Amélia:

— Perdoe-me, Sra. Eu a enganei. Enganou-me... Como?

— Sou rico. Tenho cincoenta mil francos de renda.

— Não são cincoenta, são cem mil, rectificou Jacques.

— Não. São apenas cincoenta mil. Os outros cincoenta mil, pertencem à senhorita Amélia. E' o mais que posso fazer, para offerecer um presente de nupcias à minha futura cunhada.

Michel Trivelly.

3ª NA RUA 3ª

SAHIRA do hospital. Haviam-lhe dado alta na sala da Maternidade. Fôra mãe pela primeira vez no leito humilde da caridade. E, camaleante frima, aconchegando o filhito rachitico, o torrax mirrado e curvo, sem pouso, sem ter querido abusar do agasalho que tivera, vagava pelas ruas, esmolando a um, supplicando a outro. Nem uma moeda obtivera.

Resolveu postar-se à porta de um «magasin» de modas. Pelo amplo vestibulo envidraçado, ostentando nas montas a tentação das vestes e da moda, ella implorava ás lindas damas que entravam, ruíando sedas, fulgindo gemmas, uma migalha da opulencia para calar o pequenito friorento e choramingante.

E daquellas mãos calçadas em maciosas luvas, tambem não tombara ainda o consolo de um obulo.

la fugir desesperada. Para onde?

O cerebro escaldante, exgotado, enervado, não li'o dizia. Persistiria na sua peregrinação de amargura; voltaria ao hospital... Talvez não mais a acolhessem.

Que importa? deixaria sobre os batentes a creança e buscaria a morte. Estava feito... Alii ninguém se apiedava do seu infortunio. Os corações de hoje têm coureira como esses navios formidaveis que ella conhecia da infancia, no tempo em que ia de fugida à beira-mar, olhar o porto.

la fugir...

Perto, duas elegantes senhoras desciam de um automovel azul, luxuoso, metaes reluzentes.

Pediria ainda aquellas. Duas bellas moças, uma já de cabellos enovelados, outra muito joven, formas amplas, busto largo, typo de rapariga feito ha pouco mãe.

Elia estendeu a mão pergaminhada e trêmula, mostrou o filhito enovellado num coeiro de chita.

Estacaram. A matrona rebuscou no *porte-monnaie* uma moeda e deu-lh'a.

Era o pão.

Mas a rapariga continuou a olhar com piedade. Os olhares das duas mães cruzaram-se.

E a primeira teve um gesto rapido. Tomou dos braços da mendiga a criança, aninhou-se no automovel, baixou os stores, descolcheteou a blusa, desnudou o seio apoiado e coucou-o à boquinha avida do recém-nascido.

Era a vida.

Marlo Selte

As dansas classicas



Isadora Duncan

ISADORA DUNCAN, que durante tres noites segundas, evocou, no tablado do Municipal, toda a belleza escultural dos detalhes atticos das dansas gregas, é inegavelmente, uma grande e incomparavel artista.

Sua paixão pelas dansas antigas, a intuição com que ella sabe reconstituir, de minimos detalhes, as figuras gloriosas da Hellade de ouro, a luzidez de alma com que ella lê pela sofla de Gluck ou de Chopin, todas as impressões que sobre a placa sensível da alma vae deixando o claro-escuro do destino — eis o segredo que a tem feito conservar, na vida e em dias de hoje, por entre os applausos da platá.

Na mesma corôa de rosas, o mesmo «décor» de virentes pampans, com que ella parece descer de uma frisa de Acropole, para o tablado do theatro moderno.

Sua carreira li' cortada por uma grande dôr, dessas que partem pelo meio, a uma alma de mulher, entre uma lagrima e um soluço... O automovel em que estavam seus filhinhos poz-se um dia em marcha, sem governo, por imperita manobra e precipitou-se no Sena, em Paris, levando-lhe os entes em que ella puizera toda a sua alma.

O golpe terrível porém, não a entibiou. Augmentou-lhe, ao contrario, o culto pela arte.

Retirou-se apenas do theatro, da luz forte da ribalta, que lhe deixavam ver, muito vivas as lagrimas e foi continuar, em Bellevue, a dois passos de Paris, num canto de sombra e de silencio, a missão divina que a trouxe à terra. Fundou em Bellevue a Academia das Dansas classicas, cujo programma resumiu nas seguintes frases:

— Ha muitos annos, disse-nos Duncan, — que tinha a ideia fixa em como nos seria possivel educar a mocidade n'uma atmosphera de belleza, pondo diariamente diante dos seus olhos a forma ideal. Aquellas meninas chegariam a crear no seu proprio corpo a personificação da forma e pela emulação continua e por uma pratica perpetua do movimento, nos dariam seres perfeitos da Forma e do Movimento. Porque eu sou d'opinião que a forma e o movimento são a mesma coisa e, é portanto necessario cuidar das formas adolescentes das minhas alumnas, com o mesmo esmero com que um jardineiro cuida das formas das suas flores e dos seus fructos.

Com este fim, fiz collocar na minha escola as distinctas representações ideaes da Forma feminina, cuidando das minhas discipulas desde a mais terna idade.

Por meio d'uma interessante collecção de figurinhas, de baixo relevos e d'esculpturas de meninas dançando e de formas de mancebos saltando e correndo, as discipulas compenetraram-se com os modelos, esforçaram-se todos os dias em se parecerem com as figuras de rara belleza e acabam por adquirir a linha da preciosa e divina harmonia. Realisamos todos os dias exercicios escolhidos de modo que coincidam com a intima vontade das alumnas, em plena satisfação d'uma necessidade espirital.

Graças a estes exercicios quotidianos, o corpo toma um estudo desenvolvimento, aperfeiçoando-se de cada vez mais na expressão d'essa harmonia que vae evoluçionando através dos amplos preparos ás formas.

Exercicios, aim de se obter toda força e toda agiltidade a uma preparação de gymnastica. Depois os primeiros passos de baile, começando por um simples passeio rythmico. Andando e passeando lentamente por simples rythmos e mais tarde passeando e andando sobre rythmos mais complexos. Correr lentamente a principio e saltar suavemente em certo momento do rythmo. Dá-se com esse exercicio o mesmo que se dá com as notas de musica na escala dos sons. Depois as discipulas apprendem as notas na escala do movimento, com as *estructuras* as mais variadas e subitas.

Estes exercicios quotidianos constituem apenas uma parte das lições. As minhas alumnas vestidas sempre de graciosas tunicas fluctuantes nos *aparis*, nos jogos e nos passeios pelo bosque saltam, correm naturalmente até que aprendem ellas mesmo a exprimir o movimento, com a mesma facilidade como se fosse pela palavra e pelo canto.

Os seus estudos e as suas observações não comportam apenas o limite das formas de arte, abrangem todos os movimentos da Natureza. O movimento das nuvens levadas pelo vento, a ondulação das arvores, o vôo das aves e das folhas que caem dos arbustos, tudo tem para ellas uma significação especial.

«Apprendem a observar a qualidade particular de cada movimento, sentem na alma uma aproximação secreta, desconhecida para os não iniciados. Ellas comprehendem melhor do que ninguém esses movimentos porque todas as partes do corpo, educadas sufficientemente respondem á melodia da natureza que n'ellas vibra.

— Quantas vezes, — exclama Isadora Duncan, — as minhas damas do baile sentem em todo o corpo um impulso irresistivel d'acção, devido a um movimento qualquer que intuitivamente surpreenderam!

E terminou dizendo:

— Creio que mais tarde, virão muitas d'ellas a compôr as suas proprias dansas. Mas mesmo quando bailam, em conjunto, cada uma dellas guarda a sua personalidade creadora. E todas juntas compoem a harmonia integra que dará de novo ao mundo, com a sua belleza triumphante, o côro do drama, o côro da tregedia e o Hymno Eterno das luctas do ser e do destino.

Isadora Duncan tem no seu ideal pavilhão, grande numero d'encantadoras discipulas. E tenta ali realisar o ideal de toda a sua vida: obter, por meio da dança, a belleza do movimento natural do corpo humano.



NA ESCOLA DE DANCAS CLASSICAS. Estudo do sorriso. Uma das discipulas de Isadora Duncan.

O MENU' DE MEU MARIDO



Torta de bananas e ameixas pretas

Ferve-se até se desfazerem um punhado de ameixas pretas com um pouco d'água, assucar e canela em rama, mexe-se de vez em quando; estando as ameixas desfeitas adicionam-se uma colher de vinho do Porto e retira-se do fogo. Faz-se uma gemada de 4 gemas com 4 colheres de assucar. Arranja-se a torta n'uma travessa da seguinte forma: uma camada de bananas em fatias, outra de ameixas assim até encher, cobrindo-se tudo com a gemada, leva-se ao forno para tostar, o que tendo feito cobre-se de novo a torta com glaze feita das 4 claras e um pouco de assucar. Vae ao forno cozer um pouco.



Gravura n. 2. — Cestinhos de ovo, é o nome que se dá às forminhas de mel. Fingue, quando cheias, com fatias de peçoço anarello, cobertas de assucar em pó, sendo aos lados o creme lencil.

CRÊME. — 1 colher grande de rum, 2 bem cheias de farinha de trigo, 2 copos de leite, assucar a polvilhar, esquinha de limão e baunilha, faze-se em banho maria, junta-se uma colherinha de manteiga. É melhor fazer este creme antes de fazer o rocambole para estar bem frio no cenario de servir-se.

Couve fiór assada no forno

Covinha-se a couve-fiór a'quei e sal depois de bem limpa e cortada os caudinhos. Estando cozida forra-se n'uma travessa com



Gravura n. 1. — Os corvetes de fructas podem ser servidos na casca da propria fructa, o que é muito original e elegante (Laranjas limão, abacate, etc.).



Gravura n. 3. — Cones de melancia. Divide-se o centro da melancia em diversos cones e collocam-se estes cones n'uma travessa forrada de gelo molido, aninhando-os no gelo. Adiciona-se assucar e um pouco de succo de limão. Modo elegante de servir a melancia em massas finas.



Gravura n. 4. — Gelatina. Fatias de ananaz, bagos de uva, cerejas, framboesas etc., são incluídas na gelatina do couve-fiór. Unicamente um pouco de pó de rosa e queijo ralado, vae ao forno tostar; serve-se quente.

Pudim de bacalhau

Põe-se de molho um pedaço de bacalhau depois de perder o sal soe-se bem. Põem-se n'uma cassola 1 colher bem cheia de manteiga, cebola, todos os cheiros, tomates, pimenta tudo isto bem picado, 3 copos de leite, 2 colheres de farinha de trigo e mexe-se bem até ficar em consistencia de mingau. Tirado do fogo, junta-se 8 ovos bem batidos, mistura-se e bacalhau, n'uma-se a forma (redonda e lisa) com manteiga e vae cozinhar em banho maria. Serve-se com salada de batatas e brótos de alface.

Rocambole

Bate-se bem 2 gemas de ovos com 1 colher grande de assucar, 1 colher pequena de leite, 1 colher grande de farinha de trigo, 1 colher pequena de soda e 2 de crumir coados juntos, 2 claras bem batidas, raspa de limão verde. Vae ao forno n'uma assadeira comprida, untada de manteiga. Estando assado vire-se sobre um guardanapo humido. Espalhe-se em cima geleia ou creme de chocolate.

queijo ralado e arranja-se ali a couve-fiór. Em uma cestrola um pouco de leite, 1 colherinha de manteiga e um pouco de farinha de trigo, depois que ferver despeja-se em cima do couve-fiór. Unicamente um pouco de pó de rosa e queijo ralado, vae ao forno tostar; serve-se quente.

2 Concurso Infantil O urso e o binoculo

Foi vencedor do nosso II concurso infantil o inteligente menino Pericle da Motta Ribeiro, de Porto Alegre, que nos enviou a resposta que damos a seguir, devidamente corrigida, sem no entanto ser modificada a ideia. Foi-lhe conferido, como premio, uma libra esterlina e um exemplar do livro escolar

— A Arvore — de nossa collaboradora, a distincta escriptora D. Julia Lopes de Almeida. Tiveram menção honrosa, entre os 238 meninos que nos enviaram soluções os seguintes: Mario Furquim, de Bebedouro, S. Paulo, Julieta de Toledo Reis, de Dous Corregos, Cicero R. Silva, filho do dr. Alípio Silva, de Goyaz, Mario Ferraz Sampalo, de Porto João Alfredo, (fazenda S. Pedro), Djama Washington Nunes, filho do dr. Luiz Rodrigues Nunes, de Crystaes, Rozendo Muniz, de Pennapolis, Mario Catalanede, de Manaus, Moysés Horta Filho, de Beriberi, Pernambuco, Magdalena de Mattos, de Perdões, José de Paula Arantes Sobrinho, João Amaral, Maria José Romano, João Baptista Pereira, e João de Souza, de Batataes, alunos do distincto professor Barreto, que bem comprehendeu os fins instructivos de nossos concursos, que se destinam a desenvolver a imaginação das creanças. Damos a seguir a resposta premiada.

O pobre cachorro, condemnado a escravidão por tres annos, desde o dia seguinte á sua malaventurada corrida com a tartaruga (vide nosso numero de agosto) começou a pensar nos meios de libertar-se. O urso porém, não o largava de olho, conhecedor como era das astucias de seu novo escravo, das quaes já fora victima (vide nosso primeiro concurso). O cachorro trabalhava noite e dia, emquanto o urso, regado, fumava um grande cachimbo que lhe dera de presente o compadre porco, que é o rei dos fungadores. Um dia porem o cachorro teve um momento de boa inspiração. Arranjou uma porção de fructas de pinhão-paraguay e disfarçadamente deixou perto do urso.

O urso, muito guloso, fez como certas creanças, que comem tudo quanto acham á mão. Comeu um, comeu dois, comeu tres pinhões... Não demorou muito e estava a torcer-se de dor de barriga. Urso quando tem dor de barriga põe a bocca no mundo... Ah, eu morro, eu morro! — gritava a urso — e apostou que foi esse ladrão do cachorro que me matou! Ai... Ai...

— EU, patrão? — disse o cachorro. — Então o senhor acha que eu ia envenenar o meu patrãozinho querido. Tire isso de sua cabeça...

— Para mim não foi outro. Você é capaz de tudo, desgraçado cachorro. Ai... — e o coltado do urso esfregava a barriga com as duas mãos.

O senhor está desconfiado sem razão — disse o cachorro — se o senhor me dá licença, dou um pulo até a casa da capivara, que sabe curar tão bem, que até gente magra, ella faz ficar barriguda em dois tempos.

— Nesta não caio eu. Si você se apanha longe de mim, não te hão de cançar as pernas para me fugires. Ai... ai... parece que eu comi bugio!

Que patrão desconfiado! Olhe, patrão, a capivara é encontrada ali, á beira daquelle riacho. Nem que eu quizesse fugir, não podia. Deixe-me ir até lá. A capivara chegando aqui, tira-lhe com a mão essa dor de barriga.

O urso teve uma colica mais forte e acabou por consentir.

— Pois então vá, mas lembre-se que eu te vou acompanhando com os olhos e si você quizer fugir a outra dor de barriga que eu hei de ter ha de ser de carne de cachorro... da sua carne... ai... ai...

O cachorro saltou a saltar e foi encontrar a capivara. Seu plano era arranjar com a capivara, uma combinação para se livrar do urso. A capivara devia-lhe um grande favor de uma vez que o cachorro a livrara de ser moria por um caçador e entre os animaes, não ha a mesma ingratição que é tão commun entre os homens, inteira pois do caso, disse a capivara pelo caminho:

— Leve este pedaço de jornal que eu tenho guardado e mostre-o ao urso. Ha ali o retrato de um homem que está olhando por um oculo de alcance. O urso tem vista fraca e hade querer possuir um oculo como esse, para enxergar ao longe. Você lhe diga que eu tenho um oculo desses, que é seu e que você me tinha dado para guardar. Para que o urso se convença, eu, quando estiver de sahir, direi a você perto delle: — Aquele seu guardado está lá commigo. Eu, com elle, vejo até quem não passa. (Deixe o resto por minha conta).

Chegaram onde estava o urso que já encontraram mais alliviado, porque... o pinhão já tinha feito o que devia fazer. A capivara examinou o urso e receitou-lhe dois dias de dieta, em que só devia comer carne de creança e leite de palmito. Ao retirar-se, conforme estava combinado, disse a capivara ao cachorro:

Aquelle seu guardado está lá commigo. Quando quizer mande buscar. É uma belleza! Tenho me divertido muito com com aquelle canudo. Vem logo quem vem a uma legoa de distancia. E até logo compadre urso. Ainda tenho uma porção de doentes para ver e vou hoje operar a raposa, que foi hontem pular um galinheiro e tomou uma carga de chumbo. Tenho

ainda que ir curar um porco que se espelou hontem numa cerca de arame farpado e está com o posterior em petição de miséria. Ainda se eu tivesse um automovel para correr a clientela!... Até logo.

Mais tarde o urso, intrigado, perguntou ao cachorro o que é que elle tinha guardado com a capivara e o cachorro descreveu-lhe o oculo e mostrou-lhe o pedaço de jornal:

Com aquelle apparelho o senhor será o rei dos animaes. Força não lhe falta, o que lhe falta é vista, para enxergar mais longe do que o leão e do que o lynce.

Durante dois ou tres dias o urso, seduzido, conversou com o cachorro sobre o extraordinario apparelho, até que não se conteve e deante das affirmações do escravo de que elle se tornaria o mais poderoso dos animaes, desde que pudesse enxergar mais longe do que os outros, disse-lhe afinal:

Você ainda tem quasi inteiros os tres annos de captivo que me está a dever. Estou disposto a dar-lhe a a liberdade si você me fizer presente de tal apparelho.

O cachorro para não dar na vista fez-se de rogado e foi necessario o urso insistir muito para que elle acabasse por aceitar. Dirigiu-se á capivara e contou-lhe o occorrido. A capivara tinha preparado uns gomos de taquarussá, imitando um oculo de alcance e disse ao cachorro:

— Compadre cachorro, você me salvou a vida e eu quero pagar minha obrigação. Aqui está um fimimento de oculo. Está cheio de pimenta secca e moída.

— De pimenta? — rousou o cachorro, já a rir-se, pensando que devia ser alguma partida

— Sim, de pimenta. Você dirá ao urso que se vae pôr ao longe, no alto daquelle morro e que quando você chegar lá elle que ponha o oculo nos olhos e vae lhe vir tão bem como se você lhe estivesse a dois passos.

— E a pimenta? Não entendi ainda.

— Ora, compadre cachorro, você é cachorro e está se fingindo de burro. Pois você não comprehende que ficando você em posição mais alta do que o urso elle tem que virar o oculo para cima para lhe enxergar...

— Ah, agora! — disse o cachorro, rindo tão gostosamente, que levou ambas as mãos á barriga. Quando elle virar o oculo cáe-lhe a pimenta nos olhos e emquanto o pateta fica a gritar eu azul, que elle nunca mais me hade pôr os olhos em cima.

— Ah, qui... qui... meneris... — como diz porquinho novo. Ah... qui... qui... E' isso mesmo. — disse a capivara.

O cachorro si bem aprendeu, melhor executou. Antes de dar o oculo ao urso, quiz que elle assignasse um documento, de propria pata, dando-lhe a liberdade.

(Continua pagina 36)

O PERDÃO

PERDÃO — palavra pequena na forma, grandiosa no sentido.

O perdão, partido do espírito, aceito pela alma e sancionado pela razão, é um dos actos mais sublimes e difíceis que é dado ao homem praticar.

Perdoar uma injúria ou um agravo imerecido e injusto, é bello, é nobre, é quasi sobre-humano.

No momento angustioso em que o perdão é solicitado, singular e doloroso combate se trava em todo o nosso sêr.

A alma expande-se fremente e dolorosa, o coração geme, o espírito divaga e a razão perdêa.

A alma, em suspiros, balbucia:
— As panhadas profundas que me cravaste, deixaram cicatrizes indeléveis. Destruíste minha paz; roubaste minha alegria; impelliste ao suicídio minhas mais doces e caras esperanças; tentaste atirar-me negros labéios; envenenaste minha vida.

A tua perfídia satânica arrinou o meu redor uma rede inextricável de enredos, na qual se abysmaram as minhas mais ternas afeições. Assenhoreando-te de imaginações fracas, hypnotisaste-as, fazendo com que vilmente me calumniassem.

Não, não posso apagar da memória as lembranças doridas que me causaram as tuas crueldades.

Insinuando-te com subtilidade, sacrilegamente penetraste no adyto de meus pensamentos, alvejando o jugo de minha vontade e como esta não era tão tenue conforme suppunhas, atrozmente me torturaste.

O meu querer te illudiu com a sua fragil apparencia; elle se assemelha a uma tunica de vaporosos gazes sobre hombros ferreos.

Nada tenho da corça imbelte e timida, consoante o teu primeiro julgar.

Querulos gemidos quizeste arrancar-me do imo, obstando a isso, minha natural altivez que, longe de os deixar romper dos labios, os transformava, abnegadamente, em accusações proprias.

Jámais, jámais me ouviste criminal a quem quer que fosse.

E tu não me comprehendeste. Qui-zeste minuciosamente analysar-me as fibras e ficaste ignorando-me ainda mais. E nem sequer notaste que, as mais das vezes, a confidente era eu e não tu.

Não te quero bem... nem mal. E's muito infeliz para que eu te queira mal; muito me atormentaste para teres a minha estima. Não te julgo; constato apenas, o mal que me fizeste.

— Tudo passa, tudo se acaba, tudo fenêce... — Dissiste-o.

— Sim, tudo fenêce, até o amor, essa força tão decantada, attrahente pelo seu mysterio, e que não é mais que um gesto da natureza para perpetuar a vida e qual

tudo mais, corre veloz como o clarão da tormenta; nasce na primavera e morre no outono.

— Tudo passa, tudo se acaba, tudo fenêce... —

Só não passa, só não se acaba, nem fenêce, o meu profundo resentimento.

— E o coração em soluços, offegante e agonizado, vibrando mais rapido, em cada pancada, murmura: não:

— Ao passo que o espirito em meio d'essa lucta renhida e amarga, altivo e sobranceiro, ergue sua voz:

— Viandante celere da vida, tenho por meta o aperfeiçoamento. Que me importam offensas ou louvores, affrontas ou glorias, exclusivos apausios das terrenas chiméras!

Prazeres e venturas são puras illusões, phantasias de crianças, sonhos de poeta, que mui cedo se esvaneam.

Minha mira está além, muito além... Em todo o Universo denota-se a existência de uma Força Poderosa e invisível, desde os myriades de astros descrevendo orbitas luminosas no inconmensuravel espaço, numa ordem admirável, até a mais tenra e pequenina florinha, guardando no delicadíssimo seio o delicioso nectar com que attrahe os osculos dos insectos.

Essa Omnipotencia que se revela através de suas obras, impoem a dór universal, exige de cada um de nós, pequenissimas parcelas, imperceptíveis atomos da natureza, pagarmos tributo á inexorável lei do infinito desalento.

Porque?!... Arcanos que não podemos desvendar. Curvemo-nos, portanto, perante a soberania do Altíssimo, sem procurarmos, debalde, perturbar as idéas com investigações muito acima de nossas intelligencias.

— Temos longas caminhadas a percorrer se em nosso intimo vislumbra a eterna aspiração humana, o desejo de chegarmos a comprehensão das forças potentes mysteriosas que regem o Universo, dominando desde o scintillar das estrelas até as passadas da humilde formiguinha.

Que os vãos resentimentos não nos detenham a marcha; que não nos prendam os vinculos terrestres; que os brevíssimos espinhos da vida não nos prolongue o termo ás plagas de nossos justos anhelos.

Os nossos semelhantes que nos fazem soffrer, não passam de doces instrumentos impellidos pela Suprema Potencia; são mais dignos de lastima do que nós, porque, emquanto representam o tristicimino papel de algozes, permanecem estacionarios na grande viagem que todos fazemos para o Empyreum.

Desgraçados d'aquelles que applicam suas intelligencias em mal fazer!

Não se lembram que o talento é um dom valioso, porém, funesto, tornando de mais graves responsabilidades os males que causa.

E' abominavel a theoria de que todos os meios servem para nos levar ao fim almejado; só os licitos, são dignos e, quando estes não existam, resta-nos contentarmos-nos com a belleza austera da renuncia.

A natureza modificando incessantemente a fórmas dos sêres, trabalha para a geral harmonia; o não perdon é a des-harmonia e a des-harmonia é o retrocesso.

E, depois, para adormecer as amarguras da alma, dirige-se a ella:

A dór nos visita com dois fins: se perturbamos contentamento ou se promovemos discórdias, ella, qual credora implacável, vem a nossa porta bater, obrigando-nos ao pagamento da divida sagrada, contrahida no attentarmos contra a paz alheia.

Outras vezes, sympathisando-se connosco, vem ao nosso encontro, entranha-se nos n'alma e desabrocha-se em flores, tanto mais víçosas quanto mais crua-ciente fôr.

E estas flores orvalhadas de lágrimas que se congelam ao frio do infortunio, formam o lindo diadema que nos cinge a fronte ao penetrarmos o limiar da eternidade.

Não sabes?... As lágrimas d'alma crystallizam-se em pedras preciosas: em opalas cambiantes, as lágrimas incompre-hendidas da criança; em perolas, impre-hendidas de docura e encanto, as lágrimas candidas das donzelas; em saphyras, celestias e puras, as lágrimas das myrticas que se conclausuram; em rubis, ardentes e sanguineos, as lágrimas apaixonadas do amor; em esmeraldas, as lágrimas das esperanças que se fanam; em topasios, as lágrimas dos opprimidos que clamam pela justiça; em ametysas, as lágrimas violáceas e pungentes da saudade; em diamantes, as lágrimas soffocadas pelo riso...

São estas ultimas que, em profusão, adornam a nossa corôa...

— A razão, interrompendo esse longo devanear do espirito, diz, autoritaria e fria:

— Compete-me demarcar a linha divisoria entre o dever e o sentir. O dever impõe a lei do perdão. Se não houvesse perdão todos seriam condemnados.

Para que auras propicias nos favoreçam, é mister sabermos perdoar. Perdoemos.

— Fina-se a batalha. Purificada pela dór a alma exala effluvis celestes, o coração se acalma, o espirito envolve a offensa no espesso véo do olvido e a razão ordena aos labios, tremulos e contrahidos que pronunciem o perdão.

Helena Junqueira Loureiro.

DE TODO O BRAZIL...

(Chamamos a attenção dos nossos annunciantes para a diffusão da nossa Revista).

E' cada vez mais animador o movimento de entusiasmo que se nota em todo o Brazil a favor da nossa Revista, e diu-rnamente nos chegam as inu-meráveis cartas e cutifres de nossas mais distinctas patri-cias, muitas das quaes estão trabalhando decididamente pela victoria de nossa Revista, cujo futuro brilhante será o primeiro triumpho triumpho das senhoras brasileiras.

A Exma. Sra. D. Marquilhaes Silva, residente na Capital de Goyaz, que de seu bello espirito allia uma bondade de alma sem par, e uma de nossas mais distinctas patricias que está propagando a nossa Revista com verdadeiro entusiasmo... pratico. Não passa me-z que ella não nos envie um bom numero de assignantes. Ha dias enviou-nos os seguintes:

D. Luiza Martins de Abreu, (Gertrudes Dutra Povoa, Goyaz — Senhoritas Colombina Calado, Inatê da Rocha Lima, Capital — Josephina de Sousa Ri-mos, Bonfim, Goyaz — D. Nôca da Silva Curdini, Palma, Es de Goyaz.

Pois bem: poucos dias apoz enviou-nos mais as seguintes assignaturas, acompanhadas da carta que a seguiu transcrevemos e que dá bem uma idea de sua alma cativa e educadora.

D. Eurydice Natal e Silva, Maria Candida de Moraes Gomes, Porcina de Castro Fleury, Maria de Alleluia de Barros Calado, Goyaz — Ilydia Perillo Calado, Abigail Curado, Jacara Azevedo Lima, Capital — Coroneo Candido Theodoro, Palma, Goyaz — Senhorita Zizi Loyola, Goyaz, Capital — coronel Ole-gario Delphinio, Goyaz, Capital.

Goyaz, 10 de Agosto de 1916
Exma. Sra. D. Virgínia Salles
Minha prezada amiga.

Desceua em meu poder o seu fa-vor de 7 do corrente, cuja amavel letu-ra deixou-me sobremondou penhorada, tu-a gentileza e tal o carinho dispensados á minha humilde pessoa, pela excoel re-nerosidade peculiar á penna brilhante de sua signataria.

São incentivos que me encorajam e me animam a enfrentar os obstaculos que soem surgir ás vezes, subindo leve-mente o meu entusiasmo pela santa cruzada de nossa civilização.

A minha amiga por certo não ignora, em nosso sexo, é ainda um pouco aculhada a gracios capitalizinha do seu Estado, razão pela qual mais vivamente me empenho pela diffusão da nossa instructiva "Revista Feminina", entre as minhas gentis patricias, que, modesta é puer, são asseis intelligentes.

Da vasta constellação de nossos pri-moriosos escriptores, um se destaca em acurado estudo sobre "A mulher e o Sociogenia", chegando á bellissima con-clusão que, com a devida venia, para aqui transcreverei: "Educar a mulher é intervir na seleção humana, é diri-gil-a no sentido da evolução mental... Educando a mulher, organizada a selec-ção intellectual, a unica compativel com a vida de uma especie que existe pela intelligencia, estarão para sempre totas as cadeias que prendem a especie e a sociedade ao passado remoto, serão

economizadas as energias despendidas hoje contra o passado redivivo no pre-conceitos, nas mythologias e na igno-rancia".

Ver-me bem educada e concorrer pu-ra o engrandecimento moral e intelle-tual de minhas conterraneas, eis o meu ideal. Quanto á minha photographia, opo-tunamente enviarei. Junto a esta um valor postal de 778000, correspon-dente a 11 assignantes, conforme a lis-ta inclusa.

Não sendo muito incommodo, peço á unica o obsequio de informar-me por-quanto posso obter um mappa Dela-marche, o que antecipadamente agradeço.

Aguardando suas apreciadas ordens, subscrevo-me como

Am. muito adm.,
Marquilhaes Silva

O Dr. Bruno Barboza, residente em Xapury — Territorio do Acre, enviou-nos as seguintes assignaturas:

Vicentina Magalhães Ribeiro, Docca Silveira, Ambrosina E. de Sousa Leão, Celina Pulcho, Barrozo.

De São Francisco, no Estado de Santa Catharina, escreve-nos a Exma. Sra. D. Carmen de Oliveira:

Exma. Sra. D. Virgínia.

Cordeus saudações.

Junto a esta remetto-vos um vale postal no valor de 148000, correspon-dente a duas assignaturas (a começar em Setembro p. f.) da vossa interessan-te "Revista Feminina", que devem ser enviadas, uma, para D. Alice Goncal-ves de Oliveira, e outra, para a senhori-ta Regina Goncalves, ambas residentes nesta cidade.

Fazendo votos pela prosperidade da "Revista Feminina", subscrevo-me com elevado apreço, etc.

D. Beatriz Coelho, residente nesta Capital, escreve:

Exma. Sra. D. Virgínia de Sousa Salles Saudações.

Com immenso prazer, venho respec-tuosamente solicitar-vos duas assigna-turas da vossa apreciada "Revista Femi-nina", ambas a contar deste mez e para os Srns. Dd. Emilliana Pinto Pontedeiro, Rua Voluntarios da Patria, 82 e Bel-trina Mathias Coelho, Rua Voluntarios da Patria, 80 — Capital.

As minhas amigas preferem o "Ada-lus" como premio de assignatura.

Antecipando meus sinceros agrade-ci-mentos — Sou de V. Exa. Cr., Obri-gadissima, etc.

D. Maria J. Junqueira da Luz, de S. Gonçalo do Sapucahy, Sul de Minas, escreve.

Illma. Exma. Sra. D. Virgínia S. Sal-les, Dd. Directora da Empresa Femi-nina Brasileira.

Sauda-o amistosamente, fazendo vo-tos de muita prosperidade á "Revis-ta Feminina".

E' com grande prazer que hoje re-metto a V. Exa. 148000, importancia equivalente a duas assignaturas para as senhoras Dd. Perolina de Carvalho, e Maria José de Azevedo Villela, am-bas aqui residentes. Será favor reme-ter ás novas assignantes o apreçado "Adalus".

Sou de V. Exa. uma admiradora muito animada.

D. Analia Ferreira de Azevedo, de Casimiro, Minas, escreve:

Tenho em primeiro lugar a agrade-cer a vossa delicadeza em responder-me com tanta amabilidade e attenção; e, em, D. Virgínia, que sou uma sincera admiradora de seu espirito e de sua ope-ração, pois é preciso muita tenacidade e coragem para não deixar perecer uma empresa como essa, em um paiz como

o nosso, em que as mulheres são ainda olladas ou como enfeites "dos salões" ou como "objectos de casa".

Portanto, espero que a "Revista Fe-minina" viva, em grande parte, concor-rer para uma mudança radical em os nossos costumes.

Acompanha esta um vale de 218000 para assignaturas ás tres senhoras: D. Emilliana Candida de Mello Pinto, d. Francisca Baptista de Azevedo, d. Corina Ferreira de Azevedo.

As duas primeiras são daqui e a ul-tima é residente em Santa Rita do Su-puichy, Sul de Minas, para onde pôde ser enviada a "Revista".

Seu mais, subscrevo-me, com alta es-tima e consideração.

D. Bemvinda de Toledo, de Iteté, es-trevo:

Exma. Sra. D. Virgínia S. Salles. — São Paulo.

Tenho o prazer de remetter a V. Exa. um "vale postal" no valor de 218 para pagamento de 3 assignaturas an-nuaes da primorosa "Revista Femi-nina": — uma para mim, outra para Re-salima Sampaio Costa e outra para Del-phina Pinto Sampaio, esta, á rua Di-reita, 20, todas nesta cidade.

Comprimetado-a, sou, de V. Exa. Att. Crd. — Bemvinda de Toledo.

P. S. — Como premio, prefiro o "Cy-rano de Bergerac", de Edmond Ros-tand, e, ás outras, o "Adalus".

D. Leonidia Prado, de Jahu, escreve: Exma. Sra. D. Virgínia S. Salles — São Paulo — Saudações.

Junto a esta a senhora encontrará um vale postal de sete mil réis, que juntamente com um outro vale que remetti hoje completam os quatorze mil réis para 2 assignaturas que con-segui arranjar.

Uma para D. Albertina Almeida Pra-do, no cuidado do Sr. Claudio Furquim de Almeida Prado e outra para D. Car-mem Ferreira Prado, no cuidado do Sr. dr. João Baptista Leme do Prado.

Como arranjaras mais duas assigna-turas como a liberdade de pedir á se-nhora a remessa do bilhete de premio que dá direito ao sorteo de um mobi-liario como premio; e no mesmo tem-po a senhora fará o favor enviar as duas assignantes novas, o "Adalus".

Sem mais, sou com estima, Att. Obr. D. Isabel F. Schenkel, de Itapui, no Estado do Rio Grande do Sul, escreve:

Exma. Sra. D. Virgínia de Sousa Salles — São Paulo.

Exma. Sra. — Permitto-me envi-avos, junto á presente, um vale postal no importancia de Rs. 288000 — (Vinte e oito mil réis) assim de que seja reno-vada a minha assignatura que, breve, deve terminar e para inscrever como as-signantes por um anno as seguintes mi-nhas amigas:

Otilia Floriano Machado, Emilia La-cerda de Floriano e Aida Cuccia, todas residentes nesta cidade.

Estas tres assignaturas, que venho de conseguir, são por conta das 10 que pretendo arranjar a bem de não só au-siliar á propaganda da "Revista", como merecer o brinde que annuncia em sua secção "Expediente".

A cada uma das novas assignantes, podéis enviar o "Adalus" si é que me-receer. Com elevada estima me subscrevo, Crd. Obr.

D. Maria da Gloria Teive de Maga-lhães, de Carmo do Rio Claro, Minas, escreve:

Exma. Sra. D. Virgínia de Sousa Salles. — Presada amiga.

Affectuosos cumprimentos e votos

(Fim do Concurso Infantil)

— Não, não, disse o urso, eu não sou o burro. Primeiro tenho que ver se é verdade o que você diz sobre este aparelho, que me está parecendo mais um bambô do que outra coisa.

— Está bem, está bem, — disse o cachorro — O senhor vive a desconfiar com todas as pessoas honestas, mas não faz mal. Eu vou lá para aquele morro.

— Lá ao alto? — perguntou o urso.

— Sim, lá em cima. O senhor a olho nu não distingue nada, lá, tão longe. Pois quando eu lá chegar ponha o olho e o senhor vai ver até as pulgas e os carrapatos que estão dependurados do meu couro.

— Então, vá depressa, depressa. Si for verdade eu darei a liberdade e ainda um prato de ossos do primeiro coelho que eu apanhar.

— Sim, senhor — disse o cachorro — lá estou em dois pulos. Quando eu fizer um sinal ao senhor com as duas mãos como quem diz — "Até logo!" — o senhor ponha o olho nos olhos.

Pouco depois estava o cachorro no alto da colina e com as duas mãos fazia sinais ao urso, como quem lhe dizia: — "Adeus, seu pateta, até mais ver... Si quiser creado, pague e não seja bobo."

O urso que estava ansioso por experimentar o aparelho, logo que viu os acentos do cachorro, disse consigo mesmo:

Cumpriu a palavra. Lá está ele a fazer acenos. Si não fosse combinação eu diria que ele se está a despir... — E assim falando levou o olho aos olhos e logo, ao sentir a pimenta deu um urro que estremeceu a terra e atirou-se ao chão a estorcer-se de dor, enquanto o cachorro, de longe a correr, dizia-lhe adeus!

III — Concurso — O urso que pouco depois, quando já o cachorro se achava a salvo, foi acudido pela capivara, que tudo apreciara à distância, levou muitos dias com os olhos inchados e sabendo que foi um dos pequenos leitores da *Revista Feminina* quem ensinou o plano ao cachorro, vem pedir a algum outro dos mesmos leitores que lhe ensinem os meios de tornar a apanhar o cachorro e de castigá-lo.

Respostas endereçadas a Bob Tim, redação da *Revista Feminina*, Al. Glette, 87, S. Paulo. Premio de 1.º e menção honrosa aos seguintes.

Bob Tim.

Curiosidades literárias. — Consta que os livros mais editados do mundo são: "A Cabana do Pai Thomas" e o "D. Quixote de la Mancha". O que porém bateu verdadeiramente o recorde das edições foi o "LIVRO DA FORTUNA". Quem quiser possuir um exemplar, gratuitamente, envie este anúncio para a Caixa Postal, 412 — S. Paulo juntando um selo de 100 réis para o porte, que o receberá pela volta do correio.

O QUE UMA BOA DONA DE CASA DEVE SABER

AS REUNIÕES

Os *lunches* têm dois aspectos diferentes; o *lunche* oferecido às quatro horas às pessoas que vêm visitar no dia fixado pela dona de casa, e o que se oferece depois da missa de casamento.

O *lunche* servido nos dias de recepção se compõe infallivelmente de chá, chocolate servido em pequenas taças, *sandwiches*, bolos de diversas qualidades, podendo servir-se também frutos da estação; é servido no salão em uma pequena mesa apropriada para esse fim; a toalha deve ser ornada de rendas, bordada ou pintada a óleo ou aquarela, assim como os pequenos guardanapos. Em nosso numero passado demos diversos desenhos que servem para esse fim.

Ha também *lunche* servido depois de uma missa de casamento; este deve ser mais substancioso e mais variado; se compõe invariavelmente de pratos frios: presuntos, pastéis, saladas russas, *aux patés de foies gras*, de presunto, de anchova, bolos de varias qualidades, vinhos finos e champagne.

Em outros numeros temos nos occupado dos *menus* dos jantares, e da ordem nelles observadas. Em continuação diremos o que conviente para um jantar de cerimonia deve ser feito ao menos oito dias antes da data fixada; é de estrita polidez responder logo, se se aceita ou não, para que a dona de casa tenha tempo de collocar um outro convidado no lugar.

A exactidão por parte dos convivas é outro dever de estrita polidez; a não-ser por um motivo imprevisto não é permitido chegar em atraso; fazer esperar os outros convidados, é sacrificar a boa preparação do jantar. Os donos de casa têm obrigação de se encontrar em seu posto no salão para receber seus hospedes.

Para ennegrecer os cabelos

Ha innumerables receitas para dar a cor preta aos cabelos, mas todas as tinturas existentes são muito perigosas porque são à base de nitrato de prata, de sales de chumbo, de cobalto e até — piores ainda — cianureto de potassio, que é um toxico perigosissimo, que pode envenenar rapidamente. As mais communs são as tinturas *progresistas* todas à base de nitrato de prata, cuja absorpção dá lugar a uma intoxicação lenta, que termina por um cancro do fígado ou por uma arterio-sclerose ou ainda por accidenles mais graves.

As duas unicas formulas inoffensivas são o *Henné* verdadeiro para dar aos cabelos a cor loira ou castanho-claro e a *Petalina*, que tingem desde o castanho até um bello negro lusente e vivo, que illude a pessoa mais cepta.

E' preciso não confundir o verdadeiro *Henné* — que é uma farinha vegetal que vem do Oriente e que não existe à venda no Brasil — com diversas tinturas que se encontram

Outro ponto muito necessario é procurar encher a noite que precede o jantar, pois não é admissivel que se vá a uma casa somente para jantar; e naturalmente passa-se ali uma parte da noite. Não é o mais louvavel costume o que tem os homens de se retirarem para a saleta de fumar, ali se conservando até a hora da partida, ficando as damas no salão; quando ellas se conhecem, menos mal; mas quando umas são estranhas às outras, o sarau torna-se penoso; ellas são condemnadas a brincar com o leque, a observar sua confecção, cousas bem suas conhecidas. Algumas vezes uma dama abre seu caderno de musica e executa uma peça qualquer; outras vezes uma moça, sem habiidades musicas, faz ouvir um pedaço de canto; umas e outras podem fazer musica em familia, mas nunca entre pessoas estranhas que naturalmente acharão prazer somente na boa musica.

Na falta de outra diversão para passar a noite será conveniente arranjar alguns jogos para que se tenha um entretenimento.

Os saraus só differem em alguns pontos; e a carta convite mencionará o motivo da reunião: audição musical, comedia em familia, etc.

Neste caso não ha obrigação de responder o convite para aceitar ou recusar; quando se trata de um jantar o caso muda de figura pois os lugares são forçosamente contados; uma pessoa a mais ou a menos pouco importa; entretanto é costume escrever a dona de casa desculpando-se por não poder comparecer a reunião.

E' dever dos donos de casa esperar seus hospedes à porta do salão e accommodar-os do melhor modo possivel, e mostrarem-se prazenteiros com todos elles. Nada mais descortez que os donos da casa se mostrem mais attenciosos com uns hospedes que com outros quando são todos seus convidados.

Dessa mesma maneira se devem portar nos bailes que só differem desses, pela composição da *taille*.

avenda no nosso commercio, à base de sales de prata e de chumbo e com o rotulo de *Henné*. A pedido de diversos leitores nós estamos fazendo esforços para importar do verdadeiro *Henné* — para as loiras e castanhas — mas a guerra veio annullar os nossos esforços.

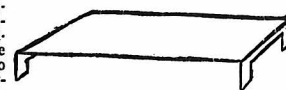
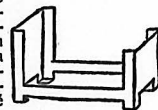
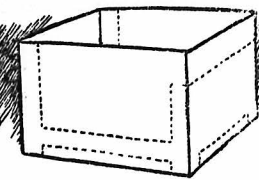
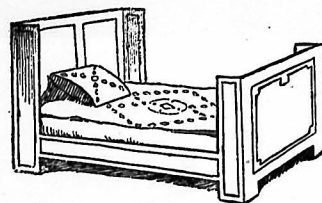
A *Petalina*, que é absolutamente inoffensiva, nós conseguimos que os senhores John Legend & Comp. fizessem vir da Europa e nós mesmos leitores que desajaram fazer desaparecer os seus cabelos brancos, puderem servir de intermediarias enviando-lhes a *Petalina*, que não temos duvida em recomendar. Com a *Petalina* em dez minutos faz-se a pintura, podendo lavar-se a cabeça em seguida e por brillantina ou qualquer oleo nos cabelos. É sufficiente uma applicação por mez e cada tubo de *Petalina* pode dar para um anno ou mais pois é concentrada e vai acompanhada de um prospecto explicativo sobre a maneira de usar e preparar. Simples, facil, perfeito e inoffensiva. Basta enviar a importancia de dez mil réis e o endereço à Empresa Feminina Brasileira, Alameda Glette, 87 — S. Paulo.

COMO FAZER UMA CAMA PARA BONECAS

COM uma caixa de papelão pode-se fazer uma bonita cama para boneca. O tamanho da cama depende das dimensões da caixa, a qual deve ter de altura a metade, pelo menos, de seu comprimento. A largura pouco importa; tudo reduz-se a obter uma cama menor ou maior.

Tirada a tampa se desenha na caixa o padrão indicado com linhas pontuadas em uma de nossas gravuras. Antes de recortar o papelão é preciso riscar bem as linhas para que saiam rectas e paralelas, o que é muito facil de conseguir pondo a caixa na beira de uma mesa collocando uns livros dentro para que os lados d'esta offereçam uma superficie firme, que permita o emprego de uma regoa para riscar as linhas.

Como se vê pelos desenhos, se



recortam as beiras inferiores da caixa para fazer as pernas deixando uns quadradros na parte superior (vide o desenho menor) que servem para dar maior base de segurança. A cabeceira da cama deve ser um pouco mais alta de que os pés. O tableiro, digamolo assim, para sustentar o colchão se faz com um pedaço de papelão um pouco mais estreito de que a cama e sufficientemente comprido para quebral-o nos extremos e recortar umas pernas de altura tal que o tableiro não sobressaia por cima das travessas da cama.

Para dobrar o papelão com facilidade passa-se a ponta de um canivete pelo lugar que se quer cortar apertando ligeiramente para que deixe um sulco pouco profundo e com uma agulha grossa faz-se uma linha de fu-

ros que facilita muito a operação e depois se aparta a beira com uma thesoura.

O colchão e os travesseiros podem fazer-se de papel de jornaes coberto de papel de seda e os lençóis de papel branco fino, caso não se queira empregar para roupa de cama retalhos de fazenda. Para que o leito seja mais vistoso pode-se decorar pintando o papelão da cor que mais agradar ao fabricante.

QUADROS

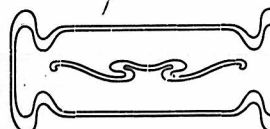
humorísticos



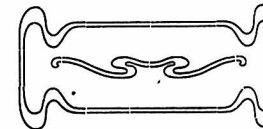
— Desejo uma obra historica.
— Gostaria de "Os ultimos dias de Pompeia".
— De que morreu?
— De uma erupção.



— Não tens vergonha de ser tão gulosa?
— Que diria 'você se me visses comer a toda hora doces?
— Diria: dê-me um pouco.



— Fazes mal em beber tanto vinho: de pois não podes caminhar direito.
— Não, não faço mal em beber vinho: o que faço mal é caminhar depois de ter bebido.





Grande Hotel

da

**Rotisserie
Sportsman**

Rua São Bento - N. 16

S. PAULO

O melhor da Capital
Restaurante o mais bem fre-
quentado. Elevador e Tele-
phone em todos os andares

Não ha moça chic ou Senhora
de bom gosto que não use o

Glycerol antiphelico

DR

Pharmacia Borges

Rua 15 de Novembro, 29
S. PAULO

Privilegiada e Premiada
Academia de Corte

SACCHI

Instituto de confecções para
Homens e Senhoras
N. 29 Rua 15 de Novembro N. 29
SÃO PAULO

Pega hoje nosso catalogo illustrado que lhe enviare-
mos gratis e livre de porte citando esta Revista

EXMAS SENHORAS.

Ouvi um bom conselho:

Quereis ter a vossa pelle alva, avelludada e livre
de manchas? Quereis emfim ser formosas?

Uzai em vossa toilette a

Agua de Belleza ou Perola de Barcelona

Não contem mercurio e nem outra substancia que
possa irritar a vossa pelle.

Ouvi mais outro conselho:

Para ter os vossos cabellos brilhantes, leves e
ondulantes; Para ter a vossa cabeça livre de caspas
e de quaisquer parasitas.

Usal, pelo menos, duas vezes por semana o

Petroleo Americano

magnifica locão preparada em kerozene dissolvido e
purificado por processo especial.

Encontra-se em todas as casas e na

Drogaria Americana

Sociedade de Productos Chimicos L. Queiroz

Rua Libero Badaró, 144

S. PAULO



LA SAISON

Grande officina de costura de vestidos
para senhoras e meninas.

Encomendas do interior. Para medida é sufficiente
mandar um corpinho. Amostras e catalogo gratis a
quem pedir, citando esta Revista.

HENRIQUE BAMBERG

RUA LIBERO BADARÓ N. 113

TELEPHONE, 1013 - CAIXA, 113

Machina de Bordar

"La Fée du Foyer"

Original, (cuidado com as imitações)

Com esse pequeno apparelio que a Casa
Edison, de S. Paulo, acaba de novo importar,
qualquer pessoa pode fazer trabalhos de bor-
dado de extraordinaria belleza, destinados a
qualquer fim, e isso sem precisar aprendizagem
alguma. Este apparelio offerece uma
occupação tão util quanto agradável e consi-
deravel quanto se gasta assimmente neste
ramo de ornamentação, vê-se que se reembaça
do pequeno custo desta machina logo depois
de fazer o primeiro trabalho. Cada senhora
poderá com o auxilio deste pequenillo appa-
relio, ornamentar a seu lar a seu gosto e de
uma maneira verdadeiramente artistica, tudo
com uma despesa minima.



O preço da legitima machina de bordar, "La
Fée du Foyer", inclusive as instruções em
portuguez é \$500 (queto corrente 55.000). Das
machinas enviamos por 128.000, GRATIS, a cada
comprador que nos nos enviar o endereço de
12 de seis conhecidos e amigos em diferentes
lugares do Brasil a quem possam interessar os nossos pro-
prietos de muitas novidades, enviamos um Album Arte de
bordar em alto relevo.

Todos os pedidos devem vir acompanhados da impor-
tancia e dirigido em carta registrada com valor declarado, a

GUSTAVO FIGNER

Rua 15 de Novembro N. 55

CASA EDISON

S. PAULO - BRAZIL

Casa de Saude - Dr. Homem de Mello & G.

Exclusivamente para doentes de molestias nervosas e mentaes
Medico Consultor DR. FRANCO DA ROCHA, director do Hos-
picio do Juquary

Este estabelecimento, fundado em 1907 e situado no ex-
plendido bairro ALTO DAS PERDIZES, em uma chacara
de 25.000 metros quadrados, constando de diversos pavilhões
modernos independentes, aranjados e isolados com sepa-
ração completa e rigorosa de sexos, fornece aos seus domi-
nantes esmerado tratamento e com toda a conforto e carinho
são tratados sob a administração de irmas de caridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais concei-
tuados do São Paulo

Informações com o Dr. Homem de Mello, que reside á rua
dr. Homem de Mello, proximo á Casa de Saude (Alto das
Perdizes) CAIXA DO CORREIO 12 TELEPHONE, 500
SÃO PAULO.

Zaccara & Cia.

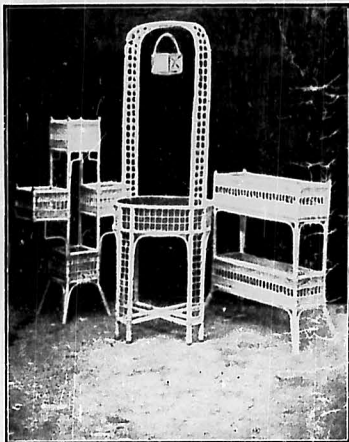
Alfaiates

Rua da Boa Vista, 38-B

Caixa do Correio, 514

Telephone N. 577

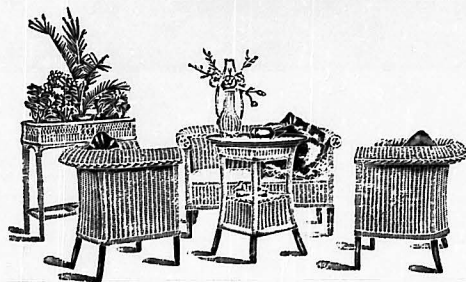
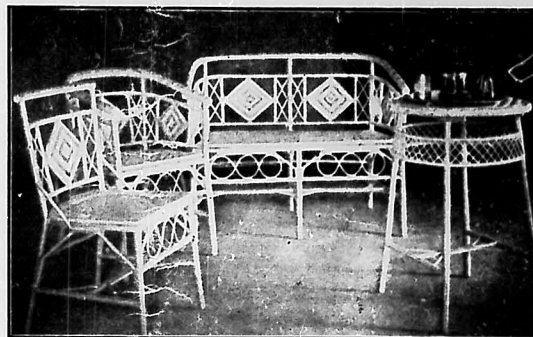
SÃO PAULO



Grande Fabrica de Moveis
de vime e de junco

J. Carneiro Braga

Rua Br. Adelaide, 100 - S. Paulo
Telephone: 222 - 54.000



TYPOGRAPHIA H. GROBEL
RUA AURORA, 3 - S. PAULO